

**DEUS CONOSCO:
O MESSIAS DA JUSTIÇA E DA
MISERICÓRDIA**

Entendendo o Evangelho de Mateus

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oséias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo: Entendendo o evangelho de Lucas*
- *Deus Conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o evangelho de Mateus*

CENTRO BÍBLICO VERBO

**DEUS CONOSCO;
O MESSIAS DA JUSTIÇA E DA
MISERICÓRIDA**

*ENTENDENDO
O EVANGELHO DE MATEUS*



Centro Bíblico Verbo
Rua Fernandes Moreira, 311/315 Térreo
Chácara Santo Antônio
04716-000 – São Paulo/SP
Tel. (11) 5182-0008
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: Maria Antônia Marques
Shigeyuki Nakanose, svd

Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos
Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes
Ilustrações: Anderson Augusto de Souza Pereira, msc.
Revisão: Caio Pereira
Iranildo Bezerra Lopes
Iorlando Rodrigues Fernandes
Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva
Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2014

© Paulus – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Telefone: (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3918-8

AGRADECIMENTOS

Deus continua se revelando aos pequeninos e por meio deles: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Nossa gratidão às amigas e aos amigos que nos transmitem a presença de Deus com seus gestos solidários e gratuitos.

Agradecemos, de maneira especial, às pessoas que participaram dos seguintes seminários de aprofundamento sobre o evangelho de Mateus:

- Em Pirapora do Bom Jesus/SP, nos dias 1º a 5 de julho de 2013: Catapan, Ciro, Darci, Demetrius, Elba, Euzébio, Francisca, Genival, Inês, Inês Zanin, João, Josefa, Karla, Luciano, Maria Aparecida, Maria Lúcia, Maria Tribst, Marizângela, Osvaldo, Ray, Rosa, Rose, Sônia, Terezinha e Tiago.
- Em Manaus/AM, nos dias 3 a 6 de outubro de 2013, sob a coordenação da equipe arquidiocesana de Manaus.
- Em Santo Antônio de Jesus/BA, nos dias 15 a 17 de novembro de 2013, sob a coordenação e apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.
- Em São Paulo, no dia 8 de março de 2014, sob a coordenação de Edson, Francisca, Josefa, Silvana, Toninho e Walquiria.
- Nossa gratidão às assessoras e aos assessores do Centro Bíblico Verbo, pela convivência, sugestões e observações: Agostinho Syukur, Antônio Carlos Frizzo, Heloísa Silva de Carvalho, Luiz Carlos Catapan, Luiz José Dietrich,

Maria Gisele Canário de Sousa, Maria Ilsa Mascarenhas de Jesus, Paulo César Portellada, Raimundo Aristide da Silva e Terezinha Veronese.

- Um agradecimento especial a Benedita Izabel Rosa, Joana D'Arc Chuha de Oliveira, Luiz Carlos Catapan, Luiz José Dietrich, Maria Lúcia Bussola Matumoto e Terezinha Veronese, que leram e corrigiram os textos.

- À Congregação do Verbo Divino, pelo apoio, incentivo e colaboração na realização dos encontros bíblicos.

- A todas as pessoas que fazem parte da Família do Centro Bíblico Verbo, especialmente às funcionárias e aos funcionários dos Missionários do Verbo Divino e Verbo Filmes, pelo carinho, presença amiga e solidária em nossa caminhada cotidiana.

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigos e leigas sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores/as da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação a cargo de Paulus Editora.

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS



Deus conosco: o Messias da justiça e da misericórdia

Entendendo o evangelho de Mateus

- “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel”, o que traduzido significa: “Deus está conosco” (Mt 1,23)¹.
- “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (5,6-7).
- “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (18,20).
- “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão” (23,27).
- “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes verme” (25,35-36)

Muitas vezes já ouvimos esses textos, pois eles são utilizados em nossas celebrações, em nossa leitura e oração pessoal. Essas frases só aparecem no evangelho de Mateus. Há textos exclusivos de Mateus que até entram em contradição com os outros evangelhos. Por exemplo, na história do “túmulo vazio” (28,1-8), em Mateus aparece um anjo, enquanto em Marcos, um jovem; em Lucas dois homens aparecem diante das mulheres, em João, dois anjos (cf. Mc 16,1-7; Lc 24,1-8; Jo 20,1-10).

¹ IMPORTANTE: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do evangelho de Mateus. Os textos bíblicos foram extraídos da *Bíblia de Jerusalém*, nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002

Os evangelhos não são biografias de Jesus, mas anúncio. Eles foram escritos há mais de quarenta anos após a morte de Jesus, como, por exemplo, o evangelho de Marcos, e até sessenta anos depois, como é o caso do evangelho de João. Eles retratam a vivência da comunidade, à luz da ressurreição do Senhor Jesus. São relatos que nos dizem quem era Jesus para essas comunidades. Com a fé em Jesus Cristo, o filho de Deus, as comunidades de Mateus acolheram, reinterpretaram e transmitiram os principais fatos e palavras de Jesus a partir de suas realidades e de sua forma de compreender Jesus. Por isso, cada evangelho possui textos exclusivos e são diferentes em sua forma de narrar os acontecimentos.

Atenção: Para entender o texto, é fundamental obter algumas informações gerais sobre cada evangelho e responder às seguintes questões: Quem escreveu? O quê? Para quem? Quando e onde foi escrito?

Conhecendo o evangelho de Mateus: data e local

O evangelho de Mateus não nasceu de um dia para o outro, mas é fruto de um longo processo. A comunidade juntou, organizou, acrescentou ou modificou as várias tradições orais e escritas das palavras e da prática de Jesus para responder à sua realidade concreta e transmitir sua compreensão de Jesus e do seu projeto.

A forma atual do evangelho de Mateus surgiu por volta do ano 85 d.C., o que pode ser comprovado a partir dos seguintes fatos:

- a) Mateus usou como fonte o evangelho de Marcos, composto por volta do ano 70. Mateus relê e reescreve Marcos, abreviando ou acrescentando outros escritos (cf. Mc 6,30-44; Mt 14,13-21).

- b) Em 21,41 e 22,7, Mateus alude a pormenores concretos da destruição de Jerusalém, a cidade santa, acontecida em torno do ano 70, pelo exército romano.
- c) No decorrer dos anos, a partir da experiência e da vivência da comunidade, o evangelho de Mateus reflete, desenvolve e interpreta o desastre nacional como castigo de Deus, causado pelos governantes por rejeitar Jesus como filho de Deus (24,1-31).
- d) O capítulo 23 do evangelho de Mateus evidencia o forte conflito dessas comunidades com os judeus fariseus (5,11-12; 10,17-23; 24,9-14). Mas o evangelho não chega a mencionar a expulsão dos judeus cristãos da sinagoga, que pode ter ocorrido por volta do ano 90 (cf. Lc 6,22; Jo 9,22; 16,2).

O evangelho de Mateus surgiu no fim do século I. Nesse período, as autoridades judaicas – o grupo dos fariseus com as sinagogas – começaram a intensificar sua perseguição contra os grupos de judeus de tendências e tradições diferentes, especialmente os grupos cristãos da diáspora. As comunidades destinatárias do evangelho de Mateus provavelmente viviam na Síria, em Antioquia. Eis alguns elementos que confirmam esta posição:

- a) Em Mt 4,24 o autor relê Mc 1,28.39 e corrige “por toda a Síria” ao invés de “por toda a Galileia”.
- b) As citações de alguns textos exclusivos de Mateus se encontram nos escritos oriundos da Síria. Por exemplo, Inácio, bispo de Antioquia martirizado por volta do ano 107 d.C, cita os textos de Mateus em suas cartas (cf. a carta a Policarpo: 2,2 e Mt 10,16b).
- c) Até o momento atual, não há provas da existência de sinagogas na Galileia no primeiro século e nem antes

desse período. As sinagogas surgiram fora da Palestina, na diáspora.

- d) O evangelho de Mateus atribui um papel importante a Pedro (14,28-31; 15,15;16,22-23;17,24-27; 18,21; 19,27), que atuou na igreja de Antioquia (cf. Gl 2,11-14).

Quem escreveu e para quem?

O evangelho de Mateus abre o Novo Testamento. Ele não é o primeiro livro do Novo Testamento a ser escrito, mas anuncia que Jesus é a realização das promessas do Antigo Testamento. Esse evangelho provavelmente constituiu a base de um conjunto das comunidades cristãs que chegaram até o fim do século II. E por ter sido colocado em primeiro lugar no cânon do Novo Testamento deve ter sido um evangelho importante para aquele setor do cristianismo que se tornou religião oficial do império romano.

No grupo de Jesus, havia um discípulo que se chamava Mateus, um nome que, em hebraico, significa “dom de Javé”: “Indo adiante, viu Jesus um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: ‘Segue-me’. Este, levantando-se, o seguiu” (9,9; cf. 10,3). Segundo a tradição da Igreja, o autor do evangelho seria esse Mateus. Pápias, bispo de Hierápolis, cidade da Ásia Menor, por volta do ano 130, atribui ao apóstolo Mateus a composição das palavras de Jesus. Porém a discussão ainda continua.

A questão do nome do autor não é tão importante, pois, antes de sua redação final, os evangelhos foram ensinamentos catequéticos, orais ou escritos, sobre as palavras e os atos de Jesus. A forma como o evangelho chegou até nós é obra de um redator que organizou os documentos já existentes e elaborados comunitariamente. No caso de Mateus, o grupo de redatores seria

alguns escribas que recebem destaque e são apresentados como discípulos de Jesus no evangelho de Mateus (8,19; 23,34). Homens convictos de que Jesus era o Messias prometido pelas Escrituras.

O evangelho foi escrito para as comunidades em que viviam os redatores, provavelmente em Antioquia da Síria, por volta do ano 85 d.C, no fim do século I. Para entender melhor os antecedentes destas comunidades é importante relembrar a história dos judeus cristãos.

Por volta do ano 70 d.C, na Guerra Judaica, os romanos destruíram Jerusalém e o templo. Vários grupos judaicos que participaram da guerra foram massacrados. Os judeus que sobreviveram tiveram que fugir. Algumas comunidades cristãs aí existentes migraram em direção a Pela, no lado oriental do rio Jordão, outras foram para a Fenícia, regiões da Síria, chegando até Antioquia. Lá integraram-se nas comunidades constituídas por judeus da diáspora e de gentios convertidos que existiam nos arredores de Antioquia, foi onde, inclusive foram chamados de cristãos pela primeira vez (At 11,26).

Nesse momento, surgiu o evangelho de Mateus para animar essas comunidades que desde a Palestina seguiam Jesus.

Conhecendo o chão da comunidade de Mateus

Na guerra dos judeus contra o império romano, nos anos 66-73 d.C., Jerusalém e o templo foram destruídos; e grupos influentes como os saduceus, zelotas, sicários e herodianos desapareceram. A destruição do templo, principal referência para milhões de judeus espalhados pelo império romano, desencadeou uma forte crise: o que é ser judeu, agora? Sem o templo, o que define o judaísmo? Qual o futuro dos judeus?

O judaísmo precisava se organizar para sobreviver e garantir sua identidade. Liderados pelo Rabi Johanan ben Zakai,

os judeus fariseus se empenharam na reorganização dos valores e da crença do judaísmo, tendo como instituição central a sinagoga. Esse grupo conquistou o apoio do império romano, que estava interessado na organização dos judeus fariseus, sua Lei e suas sinagogas, para controlar o povo judeu. Após a morte de Johanan ben Zakai, as autoridades farisaicas se enrijeceram em torno da Lei, e os grupos que não aceitaram a linha oficial foram perseguidos e finalmente expulsos da Sinagoga, por volta do ano 90.

Em vários locais o judaísmo e as sinagogas ficaram divididos. De um lado, os judeus fariseus se consideravam o verdadeiro Israel e os intérpretes legítimos da Lei. Eles exerciam suas atividades nas sinagogas, de onde controlavam o cotidiano do povo, por meio da função de explicar, interpretar e impor a Lei. Acreditavam que a libertação do povo só aconteceria com a estrita observância da Lei do puro e impuro (Lv 11-15). As pessoas que não tinham condições de cumprir com todas as exigências da Lei eram consideradas impuras e malditas. O número de pessoas excluídas – doentes, pobres, estrangeiras, deficientes – era grande!

De outro lado, os judeus cristãos também se consideravam o verdadeiro Israel, eles acolhiam excluídos em seu meio. Os cristãos, que estão por trás do evangelho de Mateus, fazem a sua proposta de nova interpretação da Lei: “Ide, pois, e aprendei o que significa: ‘Misericórdia é o que eu quero, e não o sacrifício’” (9,13; cf. Os 6,6). Eles insistem: Jesus morto na cruz, o que é escândalo para os judeus fariseus, é o verdadeiro messias, Emanuel – Deus conosco, e o mestre da Lei baseada na justiça e na misericórdia. Através da palavra e da ação de Jesus, os judeus cristãos criticam a sociedade do império romano e dos judeus fariseus, fundamentada no poder opressor.

O conflito entre os judeus fariseus e os judeus cristãos era grande. Nesse contexto, algumas perguntas pairavam na cabeça

de muitos judeus: quem falava verdadeiramente pelo Deus de Israel? Quem entendia e interpretava com exatidão a Torá? Quem estava capacitado para interpretar o passado e conduzir o povo de Deus ao futuro?

A partir dessas indagações, as comunidades de Mateus acolheram e reinterpretaram os principais fatos e palavras de Jesus a partir de seu contexto e produziram suas próprias reflexões para reanimar seus membros a perseverarem no seguimento de Jesus. O movimento de Jesus atravessava uma forte crise, pois estava em vias de separação do judaísmo oficial. Era um grupo minoritário, frágil, oprimido pelo Império e pelas autoridades judaicas.

O conflito externo com os judeus fariseus, apoiados pelo Império Romano, não era o único que as comunidades de Mateus enfrentavam. Havia também os conflitos internos. Essas comunidades eram constituídas em sua maioria por judeus cristãos, apegados à Lei e às tradições judaicas. Mas, nas comunidades, havia também os “gentios” e judeus cristãos helenistas, ou seja, judeus fortemente influenciados pela cultura grega, que tinham uma posição mais aberta em relação à Lei judaica.

Os conflitos eram inevitáveis no dia a dia da vida comunitária. Ao interpretar e seguir as palavras e a prática de Jesus surgiram divergências: a observância rigorosa da Lei e a tradição judaica, a adaptação ao modo de vida dos “gentios”, a superioridade dos judeus cristãos em relação aos gentios convertidos, a disputa pela liderança entre outros (18,1-11).

Nos conflitos com os judeus fariseus e com o Império Romano, as comunidades de Mateus tiveram de fortalecer sua identidade e unidade, enfrentando as divergências, internas e externas, propondo um diálogo mais abrangente e fraterno. Nessa realidade, o evangelho de Mateus foi escrito como uma catequese para suas comunidades. De modo especial, os textos

exclusivos do evangelho de Mateus são uma resposta a essa realidade.

Principais textos exclusivos de Mateus:

1. Genealogia de Jesus (1,1-17);
2. José assume a paternidade legal de Jesus (1,18-25);
3. A visita dos magos (2,1-12);
4. Fuga para o Egito e massacre dos inocentes (2,13-23);
5. As bem-aventuranças (5,7-10);
6. O cumprimento da Lei (5,17-19);
7. A nova justiça é superior à antiga (5,20-48);
8. Dar esmola, orar e jejuar em segredo (6,1-6.16-18);
9. Os falsos profetas (7,15-20);
10. Cura de dois cegos: “Filho de Davi” (9,27-31);
11. Vinde a mim: “Meu jugo é suave e meu fardo é leve (11,28-30);
12. Jesus é o “Servo de Javé” (12,15-21);
13. Parábolas do joio, do tesouro, da pérola e da rede (13,24-30. 36-52);
14. O Tributo para o Templo pago por Jesus e por Pedro (17,24-27);
15. Correção fraterna e oração em comum (18,15-20);
16. Parábola do devedor implacável (18,23-35);
17. Parábola dos trabalhadores enviados à vinha (20,1-16);
18. A parábola da veste (22,11-14).
19. Maldições contra os escribas e fariseus (23,15-20.21-28);
20. Parábola das dez virgens (25,1-13);
21. O último julgamento (25,31-46);
22. A morte de Judas (27,3-10);
23. A guarda do túmulo e a astúcia dos chefes judaicos (27,62-66; 28,11-15);
24. A aparição de Jesus na Galileia e a missão universal (28,16-20).

Ao ler os textos que só aparecem no evangelho de Mateus, podemos entender melhor as comunidades que receberam esse evangelho e suas propostas.

As comunidades de Mateus e suas propostas:

O evangelho de Mateus nasce a partir da resistência de pequenas comunidades de pessoas fieis a Jesus, sinal da presença salvadora de Deus e de seu reino. A partir desse evangelho, podemos enxergar comunidades que estão definindo sua identidade. Trata-se de comunidades alternativas, que estão se fortalecendo para resistir ao controle da sinagoga e do império romano e superar as divergências internas e externas. A volta de Jesus completará a salvação de Deus e estabelecerá o seu reinado sobre tudo.

Eis alguns pontos importantes do evangelho de Mateus:

1. As comunidades de Mateus acreditam em Jesus como o Messias em oposição ao messias rei poderoso e defensor da Lei, esperado pelos fariseus (1,1-2,18). É o messianismo dos excluídos (Is 42,1-9) contra o messianismo do Rei (Ez 37,21-28). Ele é o Messias anunciado pelos profetas, e a sua vida e prática eram cumprimento do plano determinado por Deus.
2. Jesus é o verdadeiro intérprete da Lei: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado” (5,17-18). Jesus é o único e verdadeiro Mestre da Lei (5,1; 23,8). A Lei deve estar a serviço da vida e não condicionada à lei do puro-impuro (Lv 11-15), que acabou se transformando numa observância mecânica e

lucrativa, excluindo muitas pessoas, especialmente os pobres.

3. A prática de Jesus pobre, humilde e misericordioso corresponde à justiça de Deus (11,28-30). Ele vem ao encontro do ser humano, perdoa e salva. A sua prática é baseada no amor e na misericórdia (9,13; 12,7). Uma justiça solidária!
4. A correção fraterna contra o legalismo e o rigorismo da sinagoga (18,23-35). É preciso sair e ir ao encontro da pessoa que errou! Essa comunidade proclama que, em Jesus, Deus está conosco: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (18,20). Sempre: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (28,20b).
5. O Juízo final e o Reino dos Céus (24-25). O critério de julgamento no Juízo Final é a fidelidade à vontade de Deus. O que o Pai quer é a prática da misericórdia e solidariedade, que é oposta à Teologia da Retribuição na qual Deus retribui a salvação (Prosperidade, Vida longa, Saúde e Ressurreição) a quem observa a Lei por sua salvação individual e promoção pessoal. O Reino dos Céus está presente no meio das pessoas misericordiosas e solidárias, e será definitivamente estabelecido por uma intervenção de Deus e do seu Messias. O Reino é fruto da gratuidade de Deus (Mt 13)!

Conhecendo a estrutura do evangelho

Entre as propostas de estruturas para o evangelho de Mateus, escolhamos a mais comum, que está dividida em sete partes. Esta estrutura é composta de cinco livros com uma introdução sobre as origens de Jesus, os capítulos 1 e 2, e uma conclusão com a narrativa da morte e ressurreição de Jesus nos

capítulos 26-28. Cada um dos cinco livros contém uma parte narrativa e um discurso. Ao todo são dez partes. É uma forma de Mateus lembrar às suas comunidades o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) e as dez palavras do Sinai ou os dez Mandamentos. É uma forma de apresentar Jesus como um novo Moisés.

Visualizando a estrutura:

Introdução (1-2)

- Jesus dentro da história do povo de Deus (1,1-17).
- Jesus: um novo começo dentro de um novo Êxodo (1,18-2,23).

Primeira parte: A justiça do reino de Deus (3-7)

Narração: Jesus traz o reino de Deus (3-4)

Discurso: O sermão da montanha (5-7) – Condições para entrar no reino.

Segunda parte: Uma justiça que liberta os pobres (8-10)

Narração: os milagres: sinais do reino (8-9)

Discurso: A missão (10) – como anunciar o reino

Terceira parte: Uma justiça que provoca conflitos (11,1-13,52)

Narração: as reações diante da prática de Jesus (11-12)

Discurso: As parábolas do reino (13,1-52) – O mistério do reino

Quarta parte: O novo povo de Deus (13,53-18,35)

Narração: o seguimento de Jesus (13,53-17,27)

Discurso: A comunidade dos seguidores (18,1-35) – sinal do reino

Quinta parte: A vinda definitiva do reino (19-25)

Narração: o reino é para todos os que se converterem (19-23)

Discurso: a vigilância (24-25) – o futuro do reino.

Conclusão: A páscoa da libertação (26-28)

Organização deste livro

Ao percorrermos as páginas do evangelho de Mateus, constatamos que a preocupação do autor é apresentar Jesus como único e verdadeiro Messias anunciado pela Lei e pelos Profetas. Ele é o Emanuel (1,23) e se faz presente na comunidade reunida em oração e na missão: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (28,20; cf. 18,20). Ele é o Mestre que nos convida a viver a justiça e a misericórdia! Que a reflexão desse evangelho nos impulse a sermos sempre mais misericordiosos, mais sensíveis e solidários uns aos outros, mais amorosos e mais humanos em nossa caminhada cristã.

Propomos, neste subsídio, a reflexão e a oração a partir de alguns textos exclusivos do evangelho de Mateus, nos quais queremos conhecer o projeto das comunidades que receberam esse evangelho e os principais ensinamentos de Jesus transmitidos por essas comunidades e para as nossas comunidades hoje. Entremos nessa caminhada.

Primeiro encontro: Um convite para conhecer as origens de Jesus a partir de sua genealogia (1,1-17). O texto apresenta Jesus como o Messias que transmite, para o seu povo e para os que a ele se convertem, as bênçãos de Deus prometidas no Antigo Testamento. Conforme o evangelho de Mateus, por meio de Jesus, essa bênção continua em nossa história pessoal e comunitária. Neste encontro vamos celebrar o mistério da presença de Deus em nossa história.

Segundo encontro: A leitura e a reflexão das bem-aventuranças nos colocam no centro do projeto do Reino, instigando-nos a vivermos o nosso compromisso cristão. Deixemos ressoar em nossos corações o apelo para a vivência da justiça e da misericórdia (5,1-12). O desafio nos é lançado!

Terceiro encontro: “A prática do amor nos aproxima de Deus” é o tema desse encontro (6,1-6.16-18). A vivência de nossa fé não pode ser apenas com palavras, mas deve ser vivida coerentemente e com gestos concretos. O apelo para assumirmos as obras de piedade – esmola, oração e jejum – é atual e na realidade em que vivemos há muitas situações que exigem de nós uma resposta concreta.

Quarto encontro: Cristo está presente na comunidade reunida (18,15-22). A correção fraterna e o perdão são elementos fundamentais que consolidam a vida em comunidade. É preciso que cada pessoa assuma o compromisso de ajudar o seu irmão para que ninguém se desvie das comunidades. Perdoar uma pessoa que errou não é fácil, mas a presença no Ressuscitado em nossa vida nos ajuda nesse exercício.

Quinto encontro: As comunidades de Mateus são colocadas em situação de julgamento e convidadas a rever a sua prática da justiça. O tema desse encontro é: Jesus está presente nas pessoas marginalizadas (25,31-46). O que importa é exercer a solidariedade sempre, especialmente com as pessoas empobrecidas.

Que a leitura e a reflexão do evangelho de Mateus possam provocar em nós e em nossas comunidades um novo entusiasmo em nosso seguimento a Jesus. Como discípulas e discípulos, sentemo-nos para aprendermos do Mestre a viver “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23).

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para você preparar os encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o *DVD Deus conosco: o Messias da justiça e da misericórdia*. Uma chave de leitura para o evangelho de Mateus. Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: Jesus é o messias das pessoas excluídas!

PERSONAGENS: Patriarcas, matriarcas, reis, sacerdotes, mulheres estrangeiras e Maria.

TEXTO: Mt 1,1-17.

PALAVRAS-CHAVE: origem, filho de Davi, gerou e gerações.

PERSPECTIVA: fortalecer a nossa convicção sobre a importância de reler a história do povo de Israel para compreender o papel messiânico de Jesus.

“Nasceu Jesus, chamado Cristo” (Mt 1,16b)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores e fotografias dos pais, avós e bisavós.

- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Irmãs e irmãos, estamos aqui reunidos para conhecer e rezar a Palavra de Deus. Neste ano, vamos conhecer um pouco mais do evangelho de Mateus e rezar a partir dele. Por meio deste anúncio, queremos buscar na vida e na prática de Jesus, assumida pelas primeiras comunidades cristãs, novas luzes para a nossa vida. Vamos abrir nossas mentes e nosso coração para que o Espírito de Deus possa agir em nossa vida.

Sugestão de canto: *Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na terra brotou, e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.*

Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz não de reinar, e viva o amor.

Quando Jesus a terra visitou, a boa nova da justiça anunciou: o cego viu, o surdo escutou e o oprimido das correntes libertou.

Nosso poder está na união, o mundo novo vem de Deus e dos irmãos. Vamos lutando contra a divisão e preparando a festa da libertação.

Dirigente: Deus está conosco! Que esta presença anime a nossa caminhada de fé em nosso dia a dia.

Todas (os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Neste primeiro encontro vamos refletir sobre a origem de Jesus Cristo. Nesta lista de nomes, contemplamos a história do povo de Israel e entramos no mistério da bênção de Deus que perpassa a história humana. O verbo gerar aparece ao lado de tantos nomes mostrando que a vida permanece e cada geração é responsável pela continuidade da vida.

Dirigente: A história de cada pessoa, por mais simples que seja, é rica em bênçãos e amor. Neste momento, vamos fazer memória de nossas raízes e sentir o mistério da presença de Deus em nossas vidas. *Cada pessoa ou família poderá partilhar um fato significativo da história de seus antepassados. O que significa para mim conhecer as minhas raízes?*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo das primeiras comunidades cristãs, o povo judeu esperava havia vários séculos pela vinda de um rei-messias poderoso, que viria para restaurar o reino de Israel. De acordo com essa expectativa, o reino judaico seria estabelecido pela intervenção de um Deus poderoso e castigador por meio de um messias da linhagem de Davi e do defensor da Lei oficial. É a Lei que excluía pobres, doentes, estrangeiros, escravos como pessoa impura diante de Deus. O livro da genealogia de Jesus o apresenta como o Messias de Deus e a plenitude das gerações (1,17). Mas há uma surpresa: o livro cita quatro mulheres estrangeiras (Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias), o que não era costume nestas listas. Elas, junto com Maria, uma mulher grávida antes do casamento, eram

consideradas impuras segundo a Lei oficial. Ou seja, todas eram excluídas da sociedade judaica!

5. Leitura do texto

Dirigente: Vamos acolher a Palavra de Deus, cantando:

Chegou a hora da alegria, vamos ouvir esta Palavra que nos guia. (bis)

Tua Palavra vem chegando bem veloz,
por todo canto hoje se escuta a tua voz.
Nada se cria sem a força e o calor,
que sai da boca de Deus, nosso criador.

Leitora ou leitor 3: Ler Mt 1,1-17.

Dirigente: *Para conversar*

- a) O que significa dizer que Jesus é filho de Davi, filho de Abraão?
- b) Qual a intenção do autor do evangelho de Mateus ao afirmar a presença de mulheres impuras e excluídas na genealogia de Jesus?
- c) O que a genealogia narrada por Mateus nos ensina sobre o projeto de Deus? Quem faz parte do povo de Deus?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Na história de Jesus lançamos o nosso olhar para a história do povo de Israel com suas buscas e esperanças, vitórias e fracassos, mas um povo sempre a caminho. Rever as nossas raízes nos ajuda a perceber que somos parte de uma história que vai além de nós e compreender melhor o

sentido de nossa própria história. Diante do mistério da vida, podemos nos perguntar:

- a) O que Deus espera de nós e de nossas comunidades?
- b) Como nós e nossas comunidades podemos ser bênçãos para nosso povo, nossa sociedade e para todas as formas de vida ameaçada?
- c) O que significa colocar-se à disposição do projeto de Deus?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vamos agradecer ao Deus da vida, que nos ama e fez nascer seu Filho no meio dos pobres para revelar seu projeto. Juntas e juntos, cantemos:

Da cepa brotou a rama, da rama brotou a flor. Da flor nasceu Maria, de Maria o Salvador:

O Espírito de Deus sobre Ele pousará, de saber, de entendimento este Espírito será. De conselho e fortaleza, de ciência e de temor, achará sua alegria no temor do seu Senhor.

Não será pela ilusão o olhar, do “ouvir falar” que Ele irá julgar os homens, como é praxe acontecer. Mas os pobres desta terra com justiça julgará, e dos fracos o direito Ele é quem defenderá.

Dirigente: Neste momento, vamos olhar as fotografias que temos à nossa frente e pensar na história dessas matriarcas e patriarcas que com suas vidas e suas lutas nos animam na caminhada. Peçamos a Deus pai e mãe que nos conceda a graça de contemplarmos o milagre da vida e o valor do ser humano criado à sua imagem e semelhança. De mãos dadas, vamos rezar

a oração do Pai-nosso reafirmando a fraternidade e o nosso compromisso na construção do Reino de Deus. *Pai-nosso*.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mt 5,1-12, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

Visitar uma pessoa idosa de sua família ou da comunidade e ouvir as histórias que ela tem para contar.

10. Bênção final

Dirigente: Hoje contemplamos a ação de Deus na história do seu povo e em nossa história e com o salmista queremos repetir: “O seu amor é para sempre!” O Deus de ontem, de hoje e de sempre nos abençoe e nos proteja.

Todas (os): Amém. *O seu amor é para sempre!*

Orientação para o primeiro encontro

Situando o texto: O messianismo

¹Para o rei Senhor, tu mesmo és o nosso rei para sempre a partir de agora, porque em ti, ó Deus, a nossa alma se

vangloria. ²Quanto tempo é o tempo de uma vida humana sobre a terra? Como é o seu tempo, assim também é a sua esperança nele. ³Mas esperamos em Deus, nosso Salvador, pois a força de nosso Deus é eterna com misericórdia, e o reino do nosso Deus é para sempre sobre as nações em julgamento. ⁴Senhor, tu escolheste a Davi como o rei de Israel, e jurou-lhe sobre sua descendência para sempre, para que o seu reino não declinasse antes de ti (Salmos de Salomão 17,1-4).

Este Salmo faz parte de um livro apócrifo do Antigo Testamento, provavelmente escrito pelo grupo dos fariseus, por volta do ano 50 a.C., e revela a expectativa messiânica criada pela liderança ao longo da história de Israel. A espera de um Rei-Messias poderoso como o rei Davi tem a sua origem no reinado da casa davídica, que praticamente controlou o povo de Judá durante 400 anos.

Na longa tentativa de dominação, a imagem do rei se fortalece, como é possível perceber no Salmo 2,2.6-12:

Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes enfrentam Javé e seu Messias. “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” Publicarei o decreto de Javé: Ele me disse: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança os confins da terra como propriedade. Tu as quebrarás com um cetro de ferro. Como um vaso de oleiro as despedaçarás.” E agora, reis, sede prudentes, deixai-vos corrigir, juízes da terra. Servi a Javé com temor, beijai seus pés com tremor para que não se irrite e pereçais no caminho, e num instante sua cólera inflame. Felizes aqueles que nele se abrigam.

O Salmo 2 surgiu para ser cantado na liturgia de coroação do novo rei. Este salmo descreve o rei de Judá como filho de Deus e dominador das nações. O rei conduz o seu povo e os povos vizinhos para ter temor a Javé, apresentando como divindade violenta e castigadora. O rei e os poderosos de Judá seguem no mesmo caminho dos grandes impérios, como o Egito e a Assíria: a imagem do Rei-Messias é criada à semelhança dos imperadores com o poder do exército e da religião.

No tempo do exílio, o messianismo do rei poderoso transforma-se no elemento dominante do projeto de reconstrução de Judá. Em 597 a.C., Nabucodonosor, imperador da Babilônia, com seus oficiais, tomam a cidade de Jerusalém (cf. 2Rs 24,1-17). Uma parte dos dirigentes de Jerusalém é deportada para a Babilônia. Nesse grupo estão o rei Joaquin, sua família, os altos funcionários, a aristocracia militar e os sacerdotes oficiais, os artesãos de Jerusalém, entre eles Ezequiel, sacerdote-profeta (cf. 2Rs 24,12-16; Ez 1,1-3).

Com a destruição de Jerusalém em 587 a.C., a ideia messiânica do rei poderoso como Davi, retomada pelo grupo de Ezequiel, torna-se um elemento importante para fortalecer a identidade do grupo no exílio e para reanimar a esperança da reconstrução de Judá:

Suscitarei para eles um pastor que os apascentará, a saber, o meu servo Davi: ele os apascentará, ele lhes servirá de pastor. E eu, Javé, serei o seu Deus e meu servo Davi será príncipe entre eles. Eu, Javé, o disse. Concluirei com eles uma aliança de paz e extirparei da terra as feras, de modo que habitem no deserto em segurança e durmam nos seus bosques (Ez 34,23-25).

Pela intervenção de Deus poderoso, o reino de Judá com o Rei-Messias será restaurado: “quando eu quebrar as varas do jugo e os libertar da mão dos que os sujeitavam” (Ez 34,27b). O

grupo de Ezequiel, assim, descreve o Rei-Messias no poder de salvação de Deus à espada.

Além disso, acrescenta a observância da Lei à característica do Rei Messias:

O meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um só pastor para todos, e andarão de acordo com as minhas normas e guardarão os meus estatutos e os praticarão. Habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó, terra em que habitaram os vossos pais. Nela habitarão eles, seus filhos e os filhos dos seus filhos para sempre, e Davi, o meu servo, será o seu príncipe para sempre (Ez 37,24-25).

No exílio da Babilônia não havia culto nem templo de Javé. Em toda parte, os exilados recebiam influências da religião poderosa e sofisticada da Babilônia. Para manter a identidade e a unidade do grupo deportado de judeus na Babilônia, o grupo de Ezequiel, então, insistiu em observar os ritos e os estatutos de Deus: “Não voltarão a contaminar-se com seus ídolos imundos, com suas abominações e com todas as transgressões. Salvá-los-ei das suas apostasias com que pecaram e os purificarei, para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus” (Ez 37,23). No exílio, a observância da lei passa a ser uma das principais formas de o grupo manter a sua identidade como o povo eleito, a sua esperança na restauração da dinastia e expressar a sua fidelidade a Javé (Zc 7,1-3; 8,18-19).

Após o tempo do exílio, a religião recriada e praticada pelo grupo de Ezequiel se tornará a base do governo teocrata de Neemias e de Esdras: a terra santa, o povo eleito, a lei do puro e do impuro, os ritos – circuncisão, sábado, jejum – a teologia da retribuição, a responsabilidade individual etc. Esses elementos,

futuramente, constituirão, também, a base teológica da nata do sinédrio, que condenará Jesus de Nazaré.

Nessa circunstância, a figura do defensor da lei adquire força nas características do Messias. Na esperança do império judaico estabelecido pela intervenção de Deus, a libertação só acontece com a chegada do Juiz-Messias, que salva os puros e condena os impuros segundo a observância das leis e dos ritos:

Este é o Messias que o Altíssimo tem mantido até o final do dia, que surgirá da posteridade de Davi, e virá (e) falar com eles, vai denunciá-los por sua impiedade e porque a sua malícia e a vontade de lançar-se diante deles suas relações desrespeitosas³². Por princípio, ele vai coloca-los a viver antes de sua cadeira de juiz, e quando ele reprovou-os, então ele vai destruí-los³³. Mas ele vai entregar na misericórdia do restante do meu povo aqueles que foram salvos ao longo dos meus limites, e irá torná-los alegre até o fim vem, o dia do juízo, de que falei para você no começo³⁴ (4Esdras 12,32-34).

O quarto livro de Esdras é um apócrifo, cujo autor e origem são desconhecidos. Possivelmente foi escrito no final do primeiro século d.C. Esse livro fala de um reino messiânico antes do juízo final no qual o pequeno número dos puros será salvo e entrará na Jerusalém celeste. No juízo final, o messias, como conhecedor e defensor da lei, estabelecerá o tribunal e determinará a salvação para todos. Este livro se tornou popular no meio da Igreja primitiva, especialmente, entre os judeus cristãos.

Em síntese, as características do messianismo, nascidas ao longo da história do judaísmo, são as seguintes: 1) O Rei-Messias com a esperança de um império judaico estabelecido pela intervenção de Deus; 2) Um rei de estirpe davídica; 3) Um

filho de Israel como povo eleito de Javé; 4) O Juiz-Messias como defensor da lei.

Assim delineado, o messianismo aparece na oração sinagoga, organizada em sua forma atual sob a orientação do Rabino Gamaliel II, fariseu e um dos melhores professores da lei, por volta do ano 100 d.C.:

Rapidamente faz com que a descendência de Davi, seu servo, floresça, e levante a sua glória pela sua ajuda divina, porque esperamos por tua salvação todo dia. Bendito és tu, ó Eterno, que faz com que a força da salvação a florescer (a oração das Dezoito bênçãos, 15. Oração para o rei Messiânico).

A oração das Dezoito bênçãos é entoada na sinagoga com a orientação dos fariseus, cujos escribas e mestres da lei impõem uma interpretação única da lei. Depois do ano 70 d.C., os judeus fariseus ortodoxos e impositivos começam a excluir e perseguir os outros grupos judeus com tendências e tradições divergentes, incluindo os judeus cristãos. Para os judeus fariseus, o fato de Jesus ter vivido no meio dos impuros e morrido na cruz era um escândalo (1Cor 1,23).

O evangelho de Mateus nasceu nesse contexto de confronto e perseguição com os judeus fariseus, especialmente as autoridades da Sinagoga. No primeiro capítulo, que é a porta de entrada do livro, as comunidades de Mateus apresentam a genealogia de Jesus de Nazaré. Descreve Jesus como Messias e Filho de Deus de uma forma diferente do judaísmo farisaico.

Comentando o texto: Mt 1,1-17 – Origem de Jesus Cristo

O início do evangelho de Mateus pode ser entendido como título que introduz todo o livro: “Livro da origem de Jesus

Cristo” (1,1a). A expressão “origem” lembra a criação. Com Jesus, inicia-se a nova criação da humanidade. O nome Jesus é a forma grega do nome hebraico Joshua e significa “Deus salva”. Cristo é a forma grega do termo hebraico “messias”, que significa “ungido”, ou seja, alguém escolhido para o serviço de Deus.

Depois aparece uma lista dos antepassados ou *genealogia* de Jesus. A *genealogia* comprova que alguém pertence a uma família, clã, tribo e povo. É algo muito característico da cultura judaica. Só era considerado membro de Israel, o povo eleito, quem pertencia à família judaica. Uma pessoa sem família não tinha identidade, não era cidadão nem tinha espaço na comunidade. Por meio das famílias, eram transmitidos costumes, ideias, memória de lutas, derrotas e vitória (Sl 44,2).

Os primeiros nomes na genealogia: “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (1,1b). Ao relacionar Jesus com Davi e Abraão, duas figuras principais da história de Israel, as comunidades de Mateus mostram que Jesus tem profundas raízes no povo eleito. Ele é verdadeiramente o Messias prometido, o fruto final de uma história de buscas, lutas e vitórias. Seu nascimento é entendido dentro da bênção e promessa de Deus a Abraão (Gn 12,2-3). Jesus é o messias prometido ao povo que luta pela vida abençoada, terra e paz.

Esta afirmação da identidade de Jesus como o Messias prometido é reforçada, de modo especial, pela apresentação da genealogia. A lista dos antepassados de Jesus segue uma estrutura de três unidades: de Abraão até Davi; de Davi até o exílio na Babilônia; do exílio babilônico até Jesus numa sequência de três vezes quatorze gerações (1,17). É importante lembrar que as consoantes do nome David possuem esse valor numérico: D = 4; V = 6; D = 4. O número 14 é múltiplo de 7. Ou seja, Jesus é a plenitude das gerações e messias rei. O interesse

do evangelho de Mateus é mostrar que o messianismo de Jesus tem profundas raízes no povo eleito.

Mas há uma surpresa: todos esperavam que o Messias fosse um rei poderoso como Davi e viesse defender o povo contra seus inimigos. Mas Jesus foi um Messias diferente do esperado, apesar de filho de Davi.

A genealogia de Jesus em Mateus traz características muito especiais, que não encontramos no Evangelho de Lucas (3,23-38). Além de estar organizada em três blocos de quatorze gerações (1,17), também inclui cinco mulheres (1,3.5a.5b.6.16), todas elas com algum problema em relação à Lei judaica. Vejamos quem eram essas mulheres:

- Tamar (1,3): Estrangeira, casada com o filho primogênito de Judá, fica viúva e sem filho. Na luta por seus direitos e pela vida, seduz o sogro e torna-se a mãe de um filho, a continuidade da família (Gn 38).
- Raab (1,5a): Estrangeira solidária, que reconhece o Deus de Israel, salva o povo na guerra (Js 2).
- Rute (1,5b): Estrangeira (moabita), pobre e viúva, solidariza-se com sua sogra israelita e abre-se para outra cultura e tradição, lutando pela vida (Rt 1-4).
- Mulher de Urias (1,6): ela, Betsabeia, podia ser uma israelita, mas era casada com um hitita, o que a tornava uma estrangeira conforme a interpretação tardia da Lei (2Sm 11).
- Maria (1,16): a mãe de Jesus. A gravidez dela estava fora da Lei (1,18).

As mulheres citadas, de acordo com a Lei, eram excluídas, mas elas ajudaram a salvar Israel. Ao incluir esses nomes, as comunidades de Mateus afirmam que Jesus é o legítimo Messias,

mas de uma família marcada pela presença de excluídos. É o Messias que ultrapassa a Lei do puro e impuro. É o Messias dos excluídos!

A genealogia afirma que o homem é o responsável pela descendência: “*Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá e seus irmãos...*”. O homem é o sujeito e a mulher tem a função de auxiliar na geração dos filhos. Quando chega a Maria, rompe-se essa estrutura: “*José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo*” (1,16). Maria é o sujeito e não se menciona a atividade do pai. Maria, a serva do Senhor, não está a serviço da estrutura patriarcal vigente que marginaliza e exclui as pessoas fora da Lei.

Jesus é o Messias dos excluídos. A sua história não é individual, mas está profundamente enraizada na história do povo de Israel e de vários povos. As comunidades de Mateus reafirmam que ele é a realização da bênção para todas as nações. É o único e verdadeiro Messias.

Aprofundando: o nascimento e a infância de Jesus²

E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo (Mt 2,6; cf. Mq 5,1).

As histórias do nascimento e da infância, bem como todo o Evangelho, não são biografia. Trata-se de uma narrativa que contém a proposta teológica e catequética de Mateus. Ao reagir à perseguição do grupo dos fariseus e às divergências internas no cristianismo, as comunidades de Mateus devem testemunhar para que todos reconhecessem em Jesus de Nazaré, o Messias.

² Reflexão baseada no livro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: o evangelho de Mateus*. São Paulo, Paulinas, 1998, p.43-48.

Depois de apresentar a genealogia de Jesus como o Messias prometido a Israel, o Evangelho de Mateus deixa claro, em seus dois primeiros capítulos, que este Jesus, o Messias dos excluídos, será rejeitado e perseguido pelos governantes e seus partidários judeus em Jerusalém, mas acolhido pelos magos e nazarenos, representantes de todos os povos.

Assim, o Evangelho descreve a história do anúncio a José, homem justo e a dos magos do oriente, para convocar a todos e a todas a se tornarem discípulos e discípulas do Senhor Jesus pela prática da justiça. De modo que Jesus é o novo Moisés e a comunidade de seus discípulos o novo Israel no qual os pobres, personificados no Nazareno da Galileia, são acolhidos. Eis as mensagens desta dita narrativa da infância de Jesus:

1) Anúncio a José (1,18-25)

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel (1,23; cf. Is 7,14).

Mateus apresenta Jesus como Filho de Deus com mãe humana. É o mistério da vida, onde Deus Pai-Mãe, gerador de vida, toma a iniciativa e encontra acolhida em Maria, símbolo da humanidade sedenta de vida. José, de início, tem muita dificuldade em aceitar aquela gravidez difícil de explicar.

A Lei condenava as mulheres que aparecessem grávidas antes do casamento (Dt 22,13-21). Se José fosse justo conforme a lei oficial, ele teria que denunciar Maria, mas ele é apresentado como alguém que vive a nova prática da Lei. O encontro com o anjo faz com que José entenda qual é o projeto de Deus: a defesa radical da vida. Desta forma, Maria é o símbolo da humanidade que acolhe a graça de Deus e José é o símbolo do homem verdadeiramente justo, que coloca a vida acima da Lei.

Mateus quer mostrar que o motivo da decisão de José é o desígnio de Deus anunciado pelo profeta Isaías (Is 7,14), que afirmava que o Filho de Davi seria a manifestação de Deus presente na história. Essa criança é o Emanuel – Deus conosco (1,22-23), nascido de uma virgem por pura iniciativa de Deus. O nascimento de Jesus, que significa “*Javé salva*” (1,21) elimina a separação entre Deus e o ser humano.

Esta afirmação da presença de Jesus – Deus conosco – na comunidade é tão importante que aparece no início (1,23), no meio (18,20) e no fim do Evangelho (28,20), constituindo o seu eixo principal. Por meio da presença, da palavra e prática de Jesus, revela-se a certeza bíblica presente no nome de Deus (Ex 3,14-15). Ele esteve, está e estará conosco (Ap 1,8)!

2) Magos do oriente (2,1-12)

Eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos sua estrela no céu surgir e vimos homenageá-lo” (2,1-2; cf. Nm 24,17)

Para indicar o nascimento do menino, Mateus fala de uma estrela. Os orientais costumavam dizer que uma estrela especial surgia quando nascia alguém muito importante. As comunidades de Mateus querem enfatizar a importância do nascimento de Jesus e nos dizer que essa presença de Deus conosco é ameaça para uns e esperança para outros. Os magos do Oriente, simbolizando as diversas nações, buscam o Messias. Por isso, se dirigem a Jerusalém, centro político, econômico e religioso da Palestina, para pedir informações porque querem homenageá-lo (2,2). É o tempo do reinado de Herodes, testa de ferro de Roma, império que oprimia e marginalizava o povo.

Herodes e toda sua elite entram em pânico (2,3). Chamam os chefes dos sacerdotes e escribas, para que verifiquem as Escrituras (2,4). Estes confirmam, por meio do profeta Miqueias (Mq 5,1), que o Rei dos judeus nasceria em Belém de Judá. O pavor do rei aumenta. O nascimento desse menino é uma ameaça para todos aqueles que oprimem o povo. A solução é perseguir e eliminar quem está no meio do povo, lutando por sua libertação. Por trás dessa história, está a experiência concreta das comunidades de Mateus (10,23).

Para concretizar seus planos, Herodes pede aos magos que o mantenham informado de suas descobertas para que ele também possa prestar homenagem ao novo rei (2,8). Eles partem e chegam à casa e encontram o menino e sua mãe (2,11). O encontro com Jesus se dá na casa, onde há lugar para todos.

Os presentes dos magos expressam seu reconhecimento. Jesus é verdadeiramente o Messias, rei justo e misericordioso, que morre pela sua prática em favor da vida e será ressuscitado por Deus e reconhecido por todos como Filho de Deus (27,54). Os estrangeiros da história de Mateus sabem discernir os sinais. Despistando as elites, os magos voltam para suas terras e culturas de origem por caminhos diferentes (2,12).

3) Fuga para o Egito (2,13-18):

Ouviu-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação: Raquel chora seus filhos; e não quer consolação, porque eles já não existem (2,18; cf. Jr 31,15).

Herodes ficou furioso por ter sido enganado pelos magos. O nascimento desse menino coloca em risco a situação vigente. Era preciso uma solução imediata: matar todos os meninos de Belém e de seus arredores com menos de dois anos (2,16).

Segundo a história contada pelos judeus, a mesma medida fora adotada pelo faraó do Egito, mil e duzentos anos antes, para eliminar o povo hebreu que se tornava um perigo para o Estado opressor (Ex 1). A violência é ilustrada pela lamentação de Raquel, representando a mãe israelita, que chora a morte de seus filhos no desastre nacional da destruição de Jerusalém e do exílio na Babilônia. Em meio à perseguição e morte, Moisés foi salvo (Ex 2,1-10). Jesus também escapou da morte.

Diante do perigo eminente, José obedece a ordem divina: “Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, durante a noite, e partiu para o Egito. Ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: *Do Egito chamei o meu filho*” (2,14-15). A citação de Os 11,1 refere-se, em seu contexto original, a Israel, libertado da escravidão do Egito para formar um povo eleito e amado por Deus.

Aqui o menino Jesus, chamado de “meu filho”, salvo das mãos de Herodes, foge para o Egito, a terra de Moisés e, depois, volta à terra prometida para formar o novo povo de Israel, as comunidades cristãs. Toda a narrativa mostra o papel de Jesus: ele será o novo Moisés. Vai ser o libertador do povo sofrido, vítima inocente, por ambição do poder.

4) Volta do Egito (2,19-23):

Ao ter notícias da morte de Herodes, José voltou com Maria e Jesus para a Palestina. Como o substituto de Herodes na Judeia era seu filho Arquelau, tão violento quanto o pai, José se dirigiu com a família para a Galileia: “foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: *Ele será chamado Nazareu*” (2,23).

Como se pode observar, Mateus cita continuamente o Antigo Testamento, pois quer mostrar que, em Jesus, as Escrituras se cumpriram. A ação de Jesus e a fé que a

comunidade deposita na pessoa dele estão em continuidade com as tradições e promessas da história de Israel. O evangelista busca nas profecias a confirmação para a autoridade de Jesus e, ao mesmo tempo, apoio para a fé e a vida de suas comunidades (cf. Is 42,1-9). Por sua vez, os judeus fariseus procuravam nas mesmas escrituras fundamento para sua expectativa messiânica.

As comunidades de Mateus querem deixar claro que Jesus é filho de Abraão, filho de Davi, o novo Moisés. Ele é o Messias prometido que veio para todos, especialmente para os camponeses explorados e oprimidos de seu tempo, que constituíam 90% ou mais da população da Palestina. Os judeus fariseus rejeitam Jesus porque ele não corresponde às suas expectativas messiânicas triunfalistas e legalistas.

As diferentes reações diante da chegada de Jesus são apresentadas por Mateus com a visita dos magos, estrangeiros, e a acolhida dos nazarenos, os pobres galileus. Enquanto os peritos da Lei recusam o verdadeiro Rei e os governantes o procuram para matá-lo, os impuros (gentios e pobres) procuram-no, acolhem-no e lhe oferecem presentes. Jesus não oferece uma salvação pela violência, não quer realizar o sonho de uma nação judaica triunfalista, como queriam alguns. A salvação vem quando a humanidade reconhece sua fraqueza e começa a organizar o mundo a partir dos “pequenos”.

Jesus é filho de Deus e da história humana. Ele é a síntese do mistério da Vida, onde Deus toma a iniciativa de oferecer vida e a humanidade, representada por Maria e José, acolhe esta vida. O Espírito de Deus produz vida quando há receptividade e abertura. Como Deus tem se manifestado na vida de nosso povo? Quais os sinais de acolhida e de resistência a estas manifestações?

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: Viver a justiça e a misericórdia!

PERSONAGENS: Jesus, os discípulos e as multidões.

TEXTO: Mt 5,1-12.

PALAVRAS-CHAVE: Felizes, reino, pobres, manso, terra, misericórdia, justiça, perseguidos.

PERSPECTIVA: Conscientizar-se e assumir a proposta de inversão social feita por Jesus ao afirmar que as pessoas marginalizadas pela sociedade injusta, consideradas malditas, são benditas e que o Reino de Deus é para os que são injustiçados.

“Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”. (Mt 5,10)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores e recortes de jornal ou de revistas que retratam as realidades de injustiça social.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Mais uma vez estamos aqui para refletir e rezar com a Palavra de Deus a partir dos ensinamentos do evangelho de Mateus. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Dirigente: No encontro anterior, procuramos entender as origens de Jesus e as raízes de nossa história. Em mutirão, vamos fazer memória do que nós aprendemos no primeiro encontro. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior. *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: Hoje, vamos refletir sobre as bem-aventuranças, colocar os pés no chão das comunidades de Mateus e a partir do testemunho dessas comunidades proclamar as bem-aventuranças de hoje. O tema deste encontro é: *Viver a justiça e a misericórdia* (convidar as pessoas para repetir o tema). Renovando a nossa fé e o nosso compromisso com o projeto da construção do Reino de Deus, cantemos:

Vejam, eu andei pelas vilas, apontei as saídas como o Pai me pediu. Portas, eu cheguei para abri-las. Eu curei as feridas como nunca se viu.

*Por onde formos também nós, que brilhe a tua luz!
Fala, Senhor, na nossa voz, em nossa vida. Nosso
caminho então conduz. Queremos ser assim! Que o pão
da Vida no revigore no nosso “sim”.*

*Vejam, procurei bem aqueles que ninguém procurava e
falei de meu Pai. Pobres, a esperança que é deles eu não
quis ver escrava de um poder que retrai.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em 2006, Daniele Toledo do Prado, 25 anos, foi injustamente acusada de matar a filha de um ano e três meses ao colocar cocaína na mamadeira dela em Taubaté. Após a criança morrer vítima de parada cardiorrespiratória, a polícia encontrou na casa da família uma mamadeira com vestígios de um pó branco. Daniele ficou 37 dias na cadeia, onde sofreu agressões de outras presas e perdeu totalmente a visão e a audição do lado direito do corpo. Mais tarde, os laudos comprovaram que o pó branco encontrado era, na verdade, resíduos do remédio que a filha tomava para uma doença rara. O sonho de Daniele era receber a indenização e montar uma ONG para ajudar crianças com doenças raras, como era o caso de sua filha³.

Dirigente: Há muitas pessoas que sofrem injustamente. Você conhece alguém que já passou por uma situação de injustiça? Como nós reagimos diante das situações de injustiça?

³Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/mae-diz-nao-ter-raiva-dos-medicos-que-a-acusaram-de-dar-cocaina-a-filha-20100926.html>. Acesso em: 9/2/2014.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo de Jesus, os escribas e os fariseus pregavam e impunham a “teologia da retribuição”, determinando quem eram os puros e felizes diante de Deus. Conforme essa teologia, as pessoas ricas e saudáveis eram vistas como justas, recompensadas por Deus por sua justiça; e as pessoas pobres por sua vez eram consideradas como culpadas por suas desgraças, porque a pobreza, a miséria e a esterilidade eram compreendidas como castigos de Deus para pessoas consideradas pecadoras e impuras. O critério para considerar uma pessoa justa ou injusta era a rigorosa observância da Lei com os inúmeros impostos religiosos. Havia muita gente que não podia observar a Lei e mal sobrevivia no dia-dia: camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes, perseguidos etc. Eram considerados impuros e malditos. Jesus e as comunidades cristãs propõem uma inversão: proclamam que os malditos pela sociedade injusta são os benditos e o critério para essa bênção é a vivência da justiça e misericórdia.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus que abra nossas mentes e o nosso coração para acolhermos a sua Palavra em nossa vida.

Sugestão: *"Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz".*

Leitora ou leitor 3: Ler Mt 5,1-12.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual a realidade da comunidade que está por trás das bem-aventuranças?

- b) Quem são as pessoas felizes e abençoadas e por quê?
- c) Quem são os perseguidos por causa da justiça?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Para os escribas e os fariseus do tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, as pessoas felizes são aquelas que observam a Lei. Afirmar que os pobres, os sem terra, os aflitos e os famintos são felizes é acreditar no projeto do Reino de Deus. Os que são desprezados pelo mundo são considerados felizes.

- a) O que é felicidade para você?
- b) Como nós e nossa comunidade vivemos a justiça e a misericórdia?
- c) Qual a nossa contribuição para a construção de uma sociedade justa e fraterna?
- d) Como colocamos em prática o projeto de vida apresentado nas bem-aventuranças?

7. Celebrando a vida

Dirigente: As bem-aventuranças nos apresentam um programa de vida e um convite para colaborarmos na construção do Reino de Deus. Diante dos recortes de jornal que temos à nossa frente, somos convidadas (os) a proclamar uma bem-aventurança. (*Escrever em uma folha de papel, individualmente ou em grupos de três pessoas, uma bem-aventurança*). Proclamar, em voz alta as bem-aventuranças e encerrar com a oração do Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mt 6,1-6.16-18, e quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro

encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

Escolher uma bem-aventurança que foi proclamada em seu grupo ou comunidade e dar passos concretos na realização desse projeto.

10. Bênção final

Dirigente: Vamos rezar juntas e juntos uma antiga bênção irlandesa – *onde for possível poderá expressá-la com gestos:*

*Que o caminho seja brando a teus pés,
o vento sopra leve em teus ombros;
o sol brilhe em tua face, as chuvas caíam serenas em teus campos.
E até que, de novo, eu te veja, Deus te guarde na palma de sua mão.*

Orientação para o segundo encontro

Situando o texto: Quem são as pessoas felizes?

Bem-aventurado o homem de quem o Senhor se lembra com convicção; será rodeado pelo caminho do mal com açoite, para ser purificado dos pecados e para que eles não se multipliquem¹. O que tem a retaguarda preparada, por açoites será purificado; o bondoso Senhor é para os que preservaram a disciplina². Estabelecerá os caminhos dos justos, e não se desviará no ensino; a misericórdia do

Senhor está sobre os que o amam em verdade³. E o Senhor será lembrado pelos seus servos em misericórdia; e o testemunho na lei da Aliança Eterna é o testemunho do Senhor acerca dos caminhos dos homens na visitação⁴. Justo e Santo é o nosso Senhor em seus decretos para sempre, e Israel com regozijo louvará o nome do Senhor⁵. E os justos confessarão na assembleia do povo, e Deus no regozijo de Israel terá misericórdia dos pobres⁶. Porque bondoso e misericordioso é Deus para sempre, e as sinagogas de Israel glorificarão o nome do Senhor⁷. Do Senhor é a salvação sobre a casa de Israel, para eterno regozijo (Salmo de Salomão 10,1-8 – Texto apócrifo).

Os salmos de Salomão, escritos por volta do ano 50 a.C., apresentam os assuntos debatidos pelo grupo dos fariseus em suas sinagogas. Entre outros, destaca-se a insistência na observância da Lei, a teologia da retribuição divina, a expectativa messiânica e a justiça como o resultado da observância da Lei.

O grupo do judaísmo farisaico declara: “felizes” e “justos” os que observam a Lei. Sua teologia afirma que Deus abençoa a pessoa justa com riqueza, vida longa e descendência, mas a pessoa injusta castiga com doença, pobreza e sofrimento. Nesta teologia, quem não consegue observar a lei é considerado impuro, amaldiçoado e endemoninhado. Os sinais externos de riqueza ou de pobreza são vistos respectivamente como sinais da bênção de Deus ou da maldição de Deus. Havia muitos judeus que não conseguiam honrar as leis e os tributos religiosos, como o dízimo. Após a destruição do templo, os judeus pobres sofriam toda a carga das restrições legais da sinagoga.

Os evangelhos registram a presença de numerosas pessoas impuras no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs:

“Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34).

Nas comunidades de Mateus a realidade não é diferente, há muitos problemas sociais, como podemos perceber nas entrelinhas de alguns relatos, por exemplo:

Porque o Reino dos Céus é semelhante ao pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados, e disse-lhes: “Ide, também vós para a vinha, eu vos darei o que for justo”. Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: “Por que ficais aí o dia inteiro sem trabalhar?” Responderam: “Porque ninguém nos contratou” (20,1-7).

As parábolas nascem da realidade cotidiana, de situações corriqueiras. A parábola dos “trabalhadores enviados à vinha” é um texto exclusivo de Mateus, que apresenta a realidade dos membros das comunidades, situadas no interior da Síria e de Antioquia, em torno do ano 85 d.C.

Cerca de 90% da população da Palestina e da Síria no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs vive na zona rural, com atividade agropastoril. Isto pressupõe que a maioria dos membros das comunidades de Mateus se ocupa com este trabalho. Porém, eles têm uma história sofrida. Em torno do ano 67 d.C., a guerra judaica explodiu e só terminou alguns anos depois, por volta do ano 73 d.C. Os judeus cristãos de Jerusalém

fugiram para Pela, na Transjordânia, e para a Síria. O mesmo fizeram os judeus cristãos da Galileia, que eram, em sua maioria, agricultores.

A guerra judaica deixou os agricultores em situação crítica. Ou já antes da guerra, muitos deles eram empobrecidos e até já tinham perdido seus bens por meio de impostos e de empréstimos a altas taxas de juros. Era um meio comum para empobrecer e até escravizar os agricultores, destruindo suas famílias. Há outra parábola exclusiva do evangelho de Mateus que testemunha essa realidade cotidiana na cobrança de empréstimo, prisão ou escravidão por dívidas:

Eis porque o Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos. Não tendo este com que pagar, o senhor ordenou que o vendessem, juntamente com a mulher e com os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida (18,23-25).

Os agricultores sem terra eram mão de obra barata para os proprietários de terra e moradores ricos da cidade. Eles estavam desesperados para alimentar suas famílias nessa realidade injusta, o que transparece na angústia do trabalhador desocupado na parábola: “Porque ninguém me contratou” (20,7). No mundo patriarcal do tempo de Mateus, o homem é responsável por sua família e sua herança (terra, casa, animais, filhos etc.).

Em geral, a sorte dos trabalhadores sem terra dependia da natureza e dos proprietários de terra. Durante o plantio e a colheita, a procura pelo trabalho era alta, porém o mesmo não acontecia no período entre safras. A vida da família dos trabalhadores rurais era marcada por muito sofrimento: desemprego, fome, doença e morte prematura etc.

Se um trabalhador sem-terra fosse judeu a situação era pior. Ele ficaria sob o jugo da lei do puro e do impuro. Sem conseguir observar a lei e honrar seu dever religioso, era taxado como “injusto” e “infeliz”. Nem sequer poderia participar na sinagoga por não ter sua herança. Ele era considerado amaldiçoado por Deus.

A situação de um pobre judeu cristão que professava sua fé em Jesus de Nazaré como o Messias e o filho de Deus era ainda pior. Um dos textos exclusivos de Mateus expressa o sentimento de quem segue Jesus, perseguido e condenado como “infeliz”, pelo grupo de fariseus:

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve (11,28-30).

No “Sermão da Montanha”, Jesus disse: “Felizes os pobres em espírito; Felizes os mansos porque herdarão a terra” ... As comunidades de Mateus animam e orientam seus membros oprimidos pelos “jugos”, no caminho das bem-aventuranças de forma diferente dos judeus fariseus.

*Comentando o texto: Mt 5,1-12 – Reino de Deus, reino da justiça e da paz!*⁴

Alguns anos após a morte de Jesus, as comunidades começaram a se reunir em torno da vida de Jesus, sua prática e seus ensinamentos. Devia circular uma fonte com os ditos do

⁴ Reflexão baseada no artigo: “Felizes os pobres em espírito”, revista *Teologia em Questão*, Ano III, 2004/2, Faculdade Dehoniana, p.7-23

Mestre. Este documento, conhecido como Evangelho ou Fonte Q, inicial da palavra “Quelle”, que em alemão significa fonte. No caso essa Fonte Q aqui estaria se referindo a um texto escrito ou antigo evangelho, uma fonte de ditos sobre Jesus teria sido perdida, mas que teria servido como fonte de informações para Mateus e Lucas, e que por isso pode ser reconstituído a partir dos textos que são comuns apenas a esses dois evangelhos.

As bem-aventuranças do evangelho de Mateus foram ampliadas e reescritas a partir de informações do Evangelho Q e da realidade das comunidades mateanas. Vejamos algumas de suas peculiaridades:

- Em Lucas, o sermão acontece na planície (Lc 6,20-26), ao passo que em Mateus Jesus sobe a montanha, senta-se e se põe a falar e a ensinar seus discípulos, os destinatários mais próximos (5,1-2). Mas a multidão permanece em segundo plano e também ouve o sermão, pois, no final da proclamação da nova lei, testemunhamos a sua reação: "Aconteceu que, ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas" (7,28-29; cf. 5,1-2). De acordo com a tradição judaica, Moisés subiu à montanha para receber a Lei (cf. Ex 24,1.12). A montanha é lugar de oração (14,23; 21,1), de ensino (5,29-31), da transfiguração de Jesus e também seu lugar de refúgio (17,1; 24,3). Jesus não sobe a montanha só, com ele estão seus discípulos e as multidões. A posição de sentar-se é a do mestre e do rei, portanto a palavra de Jesus está revestida de autoridade. É o sagrado no meio do povo.
- Em Lucas encontramos apenas "felizes os pobres" (Lc 6,20b). Esse termo designa o indigente, alguém que perdera todos os laços familiares e sociais. Mateus

acrescenta *em espírito* (5,3). A palavra espírito em hebraico é *ruah* e indica a totalidade da pessoa. *Pobres em espírito* indica uma situação de pobreza extrema: sem recursos econômicos e sem esperanças. Quem são os pobres em espírito? É um termo que pode indicar as pessoas simples do campo, que não conhecem a Lei ensinada na Sinagoga. Entre elas encontramos agricultores empobrecidos, sem-terra, pescadores, enfermos, endemoninhados, lunáticos, paralíticos (4,23-25). Pessoas desprezadas e marginalizadas, submetidas à elite governante e que não veem perspectivas de saída. Na proclamação das bem-aventuras, as pessoas pobres e injustiçadas são os novos sujeitos históricos. Elas são felizes porque o Reino dos Céus chegou: "os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados" (11,5).

- "Felizes os mansos porque herdarão a terra" (5,4). Esta bem-aventurança é exclusiva de Mateus. Trata-se de uma citação do Salmo 37,11. No contexto deste Salmo, o termo utilizado designa o impotente e o humilhado. Eles são exortados a confiar em Javé e a não fazer justiça com suas próprias mãos (Sl 37,3-6). *Eles herdarão a terra*. Em Mateus, muitas pessoas estão sem a terra. Esta promessa propõe um tempo novo, sem acúmulo de terra na mão de um pequeno grupo.
- Os aflitos serão consolados (5,5). Esta afirmação de Mateus é semelhante a Lucas: "Vós que agora chorais, haveis de rir" (Lc 6,21b). A aflição e o choro são formas de externar dor, violência e opressão. Mas é também um protesto, uma forma de condenar a dominação das elites governantes. Os aflitos são aquelas pessoas que vivem na própria pele as consequências das desigualdades sociais.

Mas a opressão terá fim: "Eles serão consolados". A nova justiça será estabelecida.

- "Felizes os que têm fome e sede de justiça" (5,6). Essa bem-aventurança também aparece em Lucas (6,21), porém Mateus acrescenta "sede de justiça". Pessoas que anseiam por uma prática da nova justiça, onde todas (os) possam ter direito à terra e ao pão, bens necessários para a sobrevivência. É uma forma de devolver a esperança aos desesperados.

As quatro primeiras bem-aventuranças nomeiam situações de injustiça econômica, social, política e religiosa e projetam a realização da justiça do reino. O objetivo é reacender a chama da vida que está se apagando. Os v. 7-10 do capítulo 5 são exclusivos do Evangelho de Mateus. A partir do v.7 as bem-aventuranças nomeiam ações humanas onde o reinado de Deus já está presente. O reino de Deus depende da colaboração de cada pessoa. "Felizes os misericordiosos" (5,7a). Aquele que é capaz de ter compaixão das pessoas que sofrem situações de dor e aflição. Uma atitude solidária e gratuita que ultrapassa a exigência da Lei. Ser misericordioso é ter o coração aberto para as pessoas necessitadas (6,2-4; 25,31-46); é perdoar; é amar até mesmo os inimigos (5,38-48) e aquelas (es) que se encontram às margens: estrangeiros e mulheres (15,22).

- "Felizes os puros de coração" (5,8). O coração indica o ser humano em sua totalidade. *Puros de coração* são as pessoas que estão comprometidas com a nova justiça. Essas pessoas recebem a promessa de que verão a Deus... A prática da religião não está codificada em normas e preceitos, mas no compromisso com a defesa e a promoção da vida ameaçada, com a construção de uma sociedade que cuide da vida para todas e todos.

- Os que promovem a paz serão chamados filhos de Deus (5,9). É um projeto que se opõe à *Pax Romana*, que exige a submissão de todos os povos dominados. Muitos acreditam que os romanos receberam das divindades a missão de impor leis e garantir a ordem para todos os povos. Uma paz baseada no poderio militar, tendo como avalista o desejo das divindades. No reino de Deus, a paz significa condições dignas de vida para todas as pessoas (Sl 127). A paz exige acabar com a situação de opressão e exploração dos fracos e indigentes e estabelecer relações igualitárias. Os promotores da paz serão chamados filhos de Deus, pois devem assumir, em suas vidas, o mesmo agir de Deus: "Orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva justos e injustos" (5,44-45).
- "Felizes os que são perseguidos por causa da justiça" (5,10). Aquele que assume o projeto da justiça desafia a ordem estabelecida, por isso será perseguido. E mais. A perseguição é dirigida contra as seguidoras e os seguidores de Jesus. A perseguição assume duas formas: violência física, chegando até a morte, e violência verbal: difamação e calúnia, destruindo a honra e a dignidade da pessoa atingida. A primeira bem-aventurança tem como destinatário os pobres e a oitava os que são perseguidos. Ambas estão no presente evidenciando que a realidade da comunidade e a presença do Reino dos Céus já estão no seu meio. No contexto de Mateus, os judeus cristãos são minoria e enfrentam perseguição por parte da administração romana e do judaísmo oficial (10,16-18.21.34-36; 23,13.23.34-35). A chave para a realização do Reino é o cumprimento da nova justiça: "Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a

dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus" (5,20).

A partir da leitura das bem-aventuranças do Evangelho de Mateus podemos enxergar a realidade dessas comunidades, formadas, em sua maioria, por judeus. São comunidades oprimidas e empobrecidas. Deus se coloca ao lado dos pobres e indigentes que vivem numa situação estruturalmente injusta. Por isso a insistência na prática da justiça, da misericórdia e da construção da paz. É um texto que denuncia situações de injustiça e exige a realização da nova justiça para todas as pessoas. Este projeto depende da aliança entre Deus e o ser humano. Quem assume a justiça do reino é perseguido.

Aprofundando: As instruções sapienciais no Evangelho Q

As bem-aventuranças de Mateus nascem da releitura e do seguimento ao Evangelho Q, chamado também do “Evangelho da Galileia”, que é um conjunto de materiais comuns a Lucas e Mateus e ausente em Marcos. Possivelmente, é um evangelho, composto durante a década de 40 d.C., na região ao redor do Lago de Genesaré ou da Galileia. As pequenas cidades desta região, como Cafarnaum, Betsaida e Corazin, são mencionadas neste dito Evangelho⁵.

Cafarnaum é, sobretudo, o centro da atividade de Jesus na Galileia. Muitos acontecimentos na primeira parte dos evangelhos sinóticos desenvolvem-se em Cafarnaum e em suas redondezas. De modo que os ditos de Jesus no Evangelho Q devem ser interpretados primeiro como resposta à dura realidade dos camponeses desta região.

⁵ O texto da Fonte Q foi extraído do livro de Johan Konings, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.

O Evangelho Q não contém referência em nenhuma parte da narrativa da paixão, da morte e da ressurreição. Não há muitas parábolas. Também conta apenas a narrativa da tentação de Jesus e os dois “milagres” (a cura do filho do centurião de Cafarnaum e a cura de um endemoninhado). Essencialmente, o Evangelho Q, então, é composto de discursos ou ditos de Jesus.

Os temas predominantes desses discursos são: o julgamento escatológico (sobre o “reino de Deus” e o “filho do homem”) e a instrução ética na vida cotidiana, bem presente na tradição sapiencial judaica. Foram as instruções sapienciais decorrentes das preocupações e angústias cotidianas dos pobres camponeses da Galileia sob o domínio do Império Romano, durante a década de 40 d.C.

As mesmas preocupações estavam bem presentes nas comunidades de Mateus, que fazem sua releitura dos ditos de Jesus como instruções de sobrevivência face ao imperialismo romano e a perseguição dos judeus fariseus, por volta do ano 85 a.C. As preocupações assim são o que não faltam hoje: desemprego, pobreza, fome, doença e violência. Os ditos sapienciais de Jesus continuam exigindo uma pergunta: como e até que ponto nós interpretamos e assumimos as instruções de Jesus? Eis aqui algumas instruções sapienciais, nascida da experiência cotidiana na Palestina:

- 1) Crítica aos fariseus e aos escribas: “Agora, vós, fariseus, limpais o exterior da taça e da travessa, o vosso interior, porém, está cheio de roubo e de maldade. Insensatos! Aquele que fez o exterior não fez também o interior? Mas ai de vós, fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã e da arruda e de toda erva, e deixais de lado o juízo e o amor de Deus. Ai de vós, legistas, porque levastes a chave do conhecimento: mesmo não entrastes, e impedistes os que estavam entrando” (Lc 11,39-40.42.52; Mt 23,13.23.26).

Para Jesus, por trás da observância obsessiva e escrupulosa da lei do puro e do impuro no “exterior” ou nas aparências, os fariseus e os legistas escondem seus interesses de alcançar prestígio, favorecimento e a acumulação da riqueza. A verdadeira pureza diante de Deus se baseia em uma prática “interior” que se exprime concretamente na caridade e na justiça. Os grupos dirigentes da religião não devem manipular, controlar e monopolizar o poder sagrado, impedindo o povo de se aproximar do amor de Deus por meio dos gestos de fraternidade, ou seja, vivendo o Reino de Deus. A vida é um dom de Deus e seu reino é de gratuidade (Lc 12,22-33; Mt 6,25-33).

- 2) O reino de Deus revelado aos pobres: “Naquela mesma hora, ele exultou no Espírito Santo e disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim houve agrado diante de ti” (Lc 10,21; Mt 11,25). O Deus da vida não se encontra na observância legalista de normas e doutrinas dos “sábios” autossuficientes, mas no seguimento dos “pequeninos” ao amor de Deus: a promoção da vida e da dignidade humana acontece por meio da misericórdia, compaixão e solidariedade.
- 3) Promover a gratuidade e generosidade: “E se emprestardes aos de quem esperais receber, qual [é] vossa graça? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para que recebam de volta o igual. Todavia, amais os vossos inimigos, fazei o bem e prestai ajuda sem esperar nada em troca, e vosso salário será muito, e sereis filhos de Altíssimo. Por que ele é bondoso também para com os ingratos e maus” (Lc 6,34-35; Mt 5,42.45-47). Jesus

prega o relacionamento humano de gratuidade e de generosidade, que gera a vida. A misericórdia dos seres humanos, semelhante à misericórdia de Deus busca a instituição de relações de partilha e solidariedade, que diminuam as desigualdades, derrubam os relacionamentos de interesse, que geram o poder e prestígio e criam dependências e, ao mesmo tempo, legitimam as injustiças sociais.

4) Promover o perdão: “E não julgueis, e não sereis julgados; e não condeneis, e não sereis condenados; absolvi, e sereis absolvidos. Dai e vos será dado: uma medida boa, calcada, sacudida, transbordante dará no vosso regaço, pois com a medida com que medirdes, medir-se-á para vós. Ele disse-lhes também uma parábola: pode um cego guiar um cego? Não cairão ambos num buraco?” (Lc 6, 37-39; Mt 7,1-2; 15,14). Os fariseus se posicionam como juiz do próximo e condenam sem compaixão e misericórdia. O farisaísmo, assim, gera atritos, divisões e exclusões nas comunidades. Diante da miséria, da fome, da fraqueza humana, os seguidores de Jesus devem expressar a misericórdia em acolhida e perdão. Quem condena o próximo condena o amor de Deus e a si mesmo (Lc 12,57-59; Mt 5,25-26; Lc 17,3b-4; Mt 18,15.21-22).

5) “E, eles caminhando, no caminho alguém disse a ele: Eu te seguirei aonde (te) fores. E Jesus lhe disse: As raposas têm tocas e os pássaros do céu, ninhos; o Filho do homem, porém, não tem onde deite a cabeça. Disse a outro: Segue-me. Este disse: [Senhor], permite-me, indo-me, primeiro sepultar meu pai. [Ele] lhe disse: Deixa os mortos sepultarem os seus mortos; tu indo-te, anuncia o reino de Deus. Um outro também lhe disse: Eu te

seguirei, Senhor, permite-me, porém, primeiro despedir-me dos de minha casa. Jesus disse [-lhe]: Ninguém que pôs a mão no arado e olha para trás está apto para o reino de Deus” (Lc 9,57-62; Mt 8,19-22). Diante da realidade sofrida do povo, sua pobreza e insegurança, é preciso urgentemente anunciar o reino de Deus, reino do amor e da fraternidade. Os discípulos de Jesus são exigidos de um seguimento incondicional: “Quem não carrega sua cruz e vem atrás de mim, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,27; Mt 10,38); “Nenhum doméstico pode ser servo de dois senhores, pois ou apegará a um ou desprezará o outro. Não podeis ser servos de Deus e do Mâmon” (Lc 16,13; Mt 6,24).

- 6) O grão de mostarda: “Dizia, pois: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o assemelharei? É semelhante a um grão de mostarda que, tomando [-o], um homem lançou ao seu jardim, e aumentou e tornou-se uma árvore, e os pássaros do céu fizeram morada nos seus ramos. E novamente disse: A que assemelharei o reino de Deus? É semelhante a fermento que uma mulher, tomando [-o], escondeu em três porções de farinha, até [esta] ficar fermentada toda” (Lc 13,18-21; cf. Mt 13,31-33). As imagens de um grão de mostarda e do fermento na massa traduzem algo pequeno e insignificante, que tem a força transformadora. Assim, a presença do Reino de Deus não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas, sim, se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes. Os seguidores de Jesus, como um grão de mostarda, devem ter a força de transformar a sociedade num mundo de acolhida para os empobrecidos e excluídos – esperança e paciência histórica!

Os ditos sapienciais do Evangelho Q teriam surgido da realidade sofrida do povo das margens do Mar da Galileia: a constante ameaça da fome e do desabrigo. Apresentam as possíveis orientações para construir o Reino de Deus, o qual promete a felicidade da vida cotidiana: “Felizes os pobres, porque vosso é o reino de Deus! Felizes os famintos agora, porque sereis saciados! Felizes os que chorais agora, porque rireis!” (Lc 6,20-21; Mt 5,3-4).

No Evangelho Q, os pobres tem direito a tudo o que é necessário para uma vida humana digna (alimentação, saúde, bem estar...), mas também o dever de empenhar-se na conquista desses bens: “Todavia, procurais o seu reino, e isso vos será acrescentado” (Lc 12,31; Mt 6,33); “E na cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos apresentarem, e curai os doentes nela e dizei-lhes: Chegou perto de vós o reino de Deus” (Lc 10,8-9; Mt 10,7-8).

Porém, não basta somente ouvir tais ditos de Jesus, mas deve colocá-los em prática: “Todo o que vem a mim e ouve as minhas palavras e as pratica, demonstrar-vos-ei a quem é semelhante: é semelhante a um homem construindo uma casa, que cavou e aprofundou e colocou o alicerce sobre a rocha. Vindo a enchente, o rio lançou-se contra aquela casa, não a conseguiu abalar, por estar ela bem construída” (Lc 6,46-48; Mt 7,24-25), diz assim o Evangelho Q. Ao reclamar e procurar seus direitos, os pobres semeiam o grão de mostarda ou o fermento na massa, na transformação de uma sociedade injusta e desumana: “Sim, Pai, porque assim houve agrado diante de ti”.

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: A prática do amor nos aproxima de Deus.

PERSONAGENS: os discípulos, a multidão e Jesus.

TEXTO: Mt 6,1-6.16-18.

PALAVRAS-CHAVE: justiça, esmola, hipócrita, recompensa, oração, sinagoga, segredo e jejum.

PERSPECTIVA: Compreender que a vivência e a prática da fé não podem se tornar mero ritualismo, mas devem ser assumidas internamente como expressão do compromisso na construção do Reino de Deus.

“Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela e flores.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro invocando a presença de Deus.

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Na alegria de nos encontrarmos como família de Deus para rezar e refletir a sua Palavra, vamos nos acolher mutuamente com um abraço.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos e rezamos as bem-aventuranças. Vamos fazer memória do que nós aprendemos no segundo encontro. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior. *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto que seja a expressão do nosso desejo profundo de viver a comunhão com Deus e com o próximo:*

Sugestão: A ti, meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A ti, meu Deus, eu quero oferecer meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar: E a tua bondade infinita me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração, eu quero sentir o calor de tuas mãos.

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar. Em ti, Senhor, humildes se alegrarão, cantando a nova canção, de esperança e de paz.

Dirigente: O tema do nosso encontro de hoje é “A prática do amor nos aproxima de Deus” (*pedir para o grupo repetir o tema*). As obras de piedade – esmola, oração e jejum – nasceram na tradição judaica e também foram assumidas na tradição cristã como formas de concretizar a própria fé e devem provocar encontro com o outro, com Deus e consigo mesmo. Invoquemos as luzes do Espírito para iluminar este nosso encontro e abrir nossas mentes para compreendermos, por meio da Palavra, quais os apelos de Deus para nós. Cantemos: “*Vem, Espírito Santo, vem, vem iluminar!*” (bis). *Se o grupo preferir, poderá escolher outro refrão.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Assim conta uma antiga história: “Um dia, Abraão convidou um mendigo para uma refeição em sua tenda. Quando estavam dando graças, o homem começou a blasfemar contra Deus, afirmando não suportar ouvir seu nome.

Tomado de indignação, Abraão expulsou o blasfemo.

Quando estava fazendo as orações da noite, Deus lhe disse:

- Esse homem tem blasfemado e me insultado por cinquenta anos e, no entanto, alimento-o todos os dias. Será que você não poderia tê-lo suportado durante uma única refeição?”⁶

Dirigente: Como nós nos relacionamos com as pessoas que pensam e vivem de maneira diferente de nós? Como nossas

⁶ Anthony de MELLO, *Enigma do iluminado*, São Paulo, Loyola, 1996, p.218.

orações nos ajudam na comunhão com Deus e com o próximo?
Tempo para a partilha.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo das comunidades cristãs de Mateus, por volta do ano 80 d.C., os escribas e os fariseus fortalecem as obras de piedade – oração, esmola e jejum – como um instrumento de ganhar a salvação individual e a promoção pessoal. Na esmola, eles até transformam os pobres em um objeto para adquirir “pontos” ou favores de Deus. As obras de piedade, então, perdem a sua finalidade, ou seja, a comunicação e o fortalecimento da relação com Deus e com o próximo, que acontecem no mais profundo do ser humano, onde não chegam os olhares dos outros. O que dá sentido a todos os gestos humanos é a intenção do coração. Para Jesus, as obras da piedade estão a serviço da vida e não a serviço da promoção pessoal e da hipocrisia.

5. Leitura do texto

Dirigente: Que a Palavra de Deus encontre espaços em nosso coração para se tornar vida em nossas vidas. Cantemos: *Eu vim para escutar tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor.* Ou outro, conforme a sugestão do grupo.

Leitora ou leitor 3: Ler Mt 6,1-6.16-18

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual a recomendação que o evangelho faz sobre a esmola?
- b) De acordo com o texto, qual o conflito que existe em torno da oração?
- c) Como o jejum deve ser praticado na comunidade cristã?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: As comunidades cristãs não rejeitam as práticas de piedade – esmola, oração e jejum –, mas propõem que elas sejam vividas na dimensão do relacionamento com Deus e com nosso próximo: a serviço da vida.

- a) Como vivenciamos a partilha dos bens com as pessoas mais necessitadas?
- b) Qual é o objetivo da minha oração pessoal e comunitária?
- c) Como deve ser a prática do nosso jejum?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Peçamos a Deus que nos ajude na vivência de nossa fé. Que as nossas ações não sejam para buscar prestígio social, mas que sejam frutos de nosso desejo de nos comprometermos com a realização do Reino de Deus. De mãos dadas, vamos rezar a oração do pai-nosso e reafirmar nossa disposição de seguir o projeto de Jesus.

Todas (os): Pai-nosso...

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mt 18,15-22, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

A oração, a esmola e o jejum não são para a projeção pessoal, mas fruto da interioridade. Escolher uma prática de piedade para vivenciá-la nesta semana.

10. Bênção final

Dirigente: Invoquemos sobre nós as bênçãos de Deus. Senhor Deus, dá-nos a graça de buscarmos, cada vez mais, a coerência entre a fé que professamos e a nossa conduta de vida.

Todas (os): Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

Orientação para o terceiro encontro

Situando o texto: Obras de piedade

Javé falou a Moisés e disse: “Mas o décimo dia do sétimo mês é o dia das Expições. Tereis santa assembleia. Jejuareis e apresentareis oferenda queimada a Javé. Nesse dia não fareis trabalho algum, pois é o dia das Expições, quando se fará por vós o rito de expiação diante de Javé vosso Deus. E toda pessoa que não jejuar nesse dia será eliminada do seu povo; e toda pessoa que fizer algum trabalho nesse dia, eu a exterminarei do meio do seu povo (Lv 23,26-30).

A prática do jejum é encontrada em várias religiões do mundo antigo. Jejuar consiste em privar-se de todo alimento, em geral, por um dia. Este ato tem os seguintes objetivos: lamentar pela perda de algo importante; conseguir o perdão dos deuses;

entrar em êxtase e preparar-se para o encontro com as divindades; receber poderes mágicos e garantir a fertilidade. Enfim, uma forma de se livrar das desgraças.

Em Israel, jejuar é um antigo costume e também está ligado a um rito de penitência e expiação. No exílio da Babilônia (597-538 a.C.), a observância dos ritos e estatutos de Deus, como a circuncisão, o sábado e as obras de piedade (oração, esmola e jejum), tornam-se meios de purificar-se e manter a identidade e a unidade dos deportados no meio dos estrangeiros, considerados “incircuncisos”: “Não voltarão a contaminar-se com seus ídolos imundos, com suas abominações e com todas as transgressões. Salvá-los-ei das suas apostasias com que pecaram e os purificarei, para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus” (Ez 37,23). O rito de jejuar, por exemplo, é uma das formas de se lembrar da destruição de Jerusalém e do Templo, e expressar sua fidelidade a Javé (Zc 7,1-3; 8,18-19).

No pós-exílio, a importância de se observar a lei do puro e do impuro aumenta a partir da consolidação da sociedade teocrata: “sistema de governo em que a autoridade máxima é Deus e o poder é exercido por seus representantes religiosos”. A pessoa impura fica impedida de participar do templo, a morada exclusiva de Deus, e da convivência com a comunidade. A única forma de voltar à participação da sociedade é fazer sacrifício, o que inclui a entrega de ofertas para os sacerdotes do templo (Lv 11-14).

No processo de consolidação da lei do puro e do impuro, o rito de jejum é institucionalizado. No calendário nacional, passam a figurar quatro datas especiais para jejum. Esses dias são de muita importância, tempo em que os judeus se reúnem no templo de Jerusalém. A movimentação ao redor do templo é muito grande, transmitindo a impressão de intensa vivência religiosa, que na realidade, muitas vezes, não passa de mero ritualismo. A festa de jejum até encobre situação de injustiça

social. A opressão da elite dos judeus, do Império Persa e dos povos vizinhos gera grande número de pessoas empobrecidas e escravizadas (cf. Jô 24). É o jejum forçado de muita gente!

A crítica profética logo se manifesta, mostrando que o jejum em si não tem o poder mágico para atrair o favor de Javé. Submeter, voluntariamente, o corpo a privações sem compromisso com a vida dos empobrecidos é ritualismo vazio, uma vez que a maioria das pessoas vive em constante aflição:

Por acaso é este o jejum que escolhi, o dia em que o homem se mortifique? Por acaso a esse inclinar de cabeça como um junco, a esse fazer a cama sobre pano de saco e cinza, acaso é a isso que chamas jejum e dia agradável a Javé? Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo? Não consiste em repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vê nu e em não te esconderes daquele que é tua carne? (Is 58,5-7)

Após o ano 70 d.C., o grupo dos fariseus torna-se o mais influente do judaísmo e começa a assumir a função religiosa de ensinar e interpretar a lei e, ao mesmo tempo, exercer o papel judiciário para julgar e condenar os infratores da lei do puro e impuro. Em sua teologia, as obras da piedade passam a ser um dos meios importantes para manter a pertença ao povo eleito de Javé no judaísmo sem o templo: “toda pessoa que não jejuar nesse dia será eliminada do seu povo” (Lv 23,29). A observância das obras de piedade é o único caminho para a pessoa ser considerada “justa” diante de Deus. A justiça pela observância da lei do puro e do impuro!

A imposição das obras de piedade à força entra em conflito com as comunidades de Mateus, onde há muitas pessoas vivendo um jejum forçado no dia a dia, como no tempo de Jesus de Nazaré, enfrentando situação de fome, doença, discriminação, perda da terra etc. Novamente, cabem as perguntas: “Qual é o jejum que Deus quer?”; “O que é a verdadeira justiça?”; “Deus está com quem?”; Como se deve realizar concretamente a vontade de Deus?” Ao Mt 6,1-6.16-17 podemos compreender a resposta das comunidades de Mateus ao grupo oficial da Sinagoga.

Comentando o texto: Mt 6,1-6. 16-18: esmola, oração e jejum

Oração, esmola e jejum são práticas de piedade importantes. Elas nos aproximam de Deus, das pessoas e de nós mesmos. O evangelho de Mateus faz algumas advertências sobre o modo de vivenciar estas práticas. É preciso estar atento para não transformá-las em mero ritualismo e fazer das pessoas simples espectadores: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles” (6,1). Ontem, como hoje, há sempre o risco de realizar boas ações para obter a aprovação de outrem. É importante estar sempre atento para não fazer do culto um lugar de representação, de busca de prestígio ou de ascensão social.

A honra deve ser atribuída somente a Deus: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (5,16). Elogio e reconhecimento são importantes e nos ajudam a cumprir a missão que Deus nos confiou com mais entusiasmo, mas este não pode ser o objetivo final. A pessoa cristã é chamada a viver o amor na gratuidade: “Se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos a mesma coisa?” (5,46).

“Quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público” (6,2). Ser misericordioso e dar esmolas possuem a mesma raiz no grego. Em uma realidade de grande pobreza, o dar esmola significa partilha dos bens e também é uma estratégia de sobrevivência. É a presença do reino de Deus: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (5,7).

No império greco-romano, havia o sistema do patronato, baseado na relação patrão e cliente. O dar esmolas era uma forma de manter a estrutura social hierárquica. Ao dar esmolas, a pessoa defendia a sua honra e, ao mesmo tempo, transformava aquele que recebeu a esmola em seu cliente, dependente dele. As relações nesse sistema geravam dependentes numa estrutura fortemente hierárquica, impedindo qualquer transformação social. Um sistema social injusto. Na comunidade cristã, a prática de dar esmolas deve ser uma alternativa à prática imperial dominante: “Quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que tua esmola fique em segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (6,3-4).

No pós-exílio (a partir de 538 a.C.), os judeus entenderam a prática de dar esmolas como vontade de Deus. Os judeus fariseus também valorizavam e pregavam as práticas de piedade, porém a partir da teologia da retribuição: “A água apaga a chama, a esmola expia os pecados” (Eclo 3,30; cf. Tb 1,3-17; 4,7-11; 12,8-10; Eclo 7,10; 29,8-13; 34,31; Salmo de Salomão 3,6-8). A prática de piedade passou a ser considerada uma forma de expiar os pecados.

“Quando orardes, não sejais como os hipócritas, porque eles gostam de fazer oração pondo-se em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos homens” (6,5). O termo hipócrita pode ser entendido como fingido ou falso. No evangelho de Mateus, escribas e fariseus são chamados de hipócritas (15,7; 22,18; 23,13.14.15.23.25.27.29). Ou seja, eles são acusados de representar um papel. Por trás dessas acusações

contra escribas e fariseus pode estar um sério conflito com uma Sinagoga.

A oração deve ser vivenciada no silêncio, em segredo, não em um espaço público para ser admirado pelos outros, mas no quarto: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo, e teu Pai, que vê no segredo te recompensará” (6,6). A oração é, acima de tudo comunicação com Deus e não uma ação que visa à autopromoção pessoal.

O jejum é uma prática presente em todas as religiões e muito antiga na cultura judaica. Nos textos bíblicos há algumas críticas contra o jejum separado da prática da justiça (cf. Is 58,3-14; Jr 14,12; Eclo 34,31). A comunidade cristã é chamada a praticar o jejum em segredo: “Tu, porém, quando jejuares, unge tua cabeça e lava teu rosto, para que os homens não percebam que estas jejuando, mas apenas teu Pai, que está no segredo; e teu Pai, que vê no segredo te recompensará” (6,17).

Em uma palavra, podemos afirmar que a comunidade é chamada a viver de modo coerente, viver os valores do evangelho na vida e não somente nos rituais, praticar o amor na gratuidade em todos os atos. Viver a misericórdia que acolhe a todas as pessoas (cf. 5,43-48). Convite dirigido à comunidade de Mateus e a todas as pessoas que entram no discipulado de Jesus.

Aprofundando: Uma reflexão sobre o Pai-nosso (6,7-15)

O Pai-nosso é a oração que Jesus ensinou a seus discípulos; ela contém a síntese do projeto de Jesus. A oração é dirigida ao Pai: “Pai nosso que estás nos céus”. Aqui, podemos observar dois elementos fundamentais: em primeiro lugar reforça a filiação com Deus e a irmandade, a fraternidade solidária. Se não vivemos a fraternidade, se não vivemos como irmãs e irmãos, a oração do *Pai-nosso* em nossos lábios é mentirosa. A

oração não é dirigida ao imperador ou a outra divindade, mas ao Deus criador.

Muitos povos invocaram a Deus como “pai” ou “mãe”. Essa expressão indica relação de proximidade, confiança e respeito. Chamar a Deus de pai é reconhecer que ele é a fonte da vida e o Senhor. Na experiência do povo de Israel, a concepção de Deus como pai nasce junto com a compreensão de povo eleito, após o exílio da Babilônia: “Com efeito, tu és nosso pai. Ainda que Abraão não nos reconhecesse e Israel não tomasse conhecimento de nós, tu, Javé, és nosso pai, nosso redentor: tal é teu nome desde a antiguidade” (Is 63,16; cf. Is 64,7). Deus é visto como um pai amoroso que sempre esteve presente na história do seu povo.

No Antigo Testamento, o título de pai para Deus era um título entre outros. Em Jesus é que vamos entender o que significa chamar a Deus de pai. Ao falar com Deus, Jesus o chama de *Abba*, um termo carinhoso usado pelas crianças para dirigir-se a seu pai. Chamar a Deus de papai ou de paizinho implica relação de intimidade, confiança, afeto, ternura. Ao ensinar a oração do *Pai-nosso*, Jesus quer que seus discípulos e discípulas desenvolvam a mesma relação de intimidade com Deus. Nos escritos de Paulo, lemos: “não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: *Abba! Pai!*” (Rm 8,15). Quando rezamos o *Pai-nosso*, deixamos aflorar em nosso ser o espírito de filhos e filhas de Deus?

Em seguida, de maneira direta, temos os pedidos: “Santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade” (6,9b-10). Estes pedidos estão voltados para Deus: nome, reino e vontade. O nome de Deus só será santificado quando houver condições dignas de vida, e quando vivermos na justiça, na fraternidade e na solidariedade. Na cultura judaica, o

nome de uma pessoa ou de um objeto expressa o seu próprio ser. Santificar o nome de Deus é reconhecer a sua presença como um Deus amigo, amoroso e fiel. O nome de Deus continua sendo desprezado toda vez que seus filhos e filhas são explorados e injustiçados. Para que o nome de Deus seja glorificado é preciso que vivamos como irmãs e irmãos.

“Venha o teu Reino” é o desejo de que o reino de Deus se torne realidade entre nós. Um reino de justiça, paz e segurança. O reino de Deus ultrapassa as paredes da Igreja, ele está presente em todos os lugares onde reina o amor e a justiça. A chegada do reino de Deus é uma boa notícia para os pobres (5,3), as principais vítimas do sistema. O reino de Deus só se realizará quando cada pessoa que assume o projeto de Jesus estiver disposta a viver a justiça: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (6,33). É preciso arregaçar as mangas e trabalhar na construção de um mundo fraterno e solidário.

Qual é a vontade de Deus? Acreditamos que Deus é o Deus da vida e a sua vontade só pode ser vida em plenitude para o ser humano, para todos os seres e formas de vida. Com este pedido nos dispomos a escutar e acolher a vontade de Deus. O importante não é o nosso anseio ou o nosso desejo, mas abrir-se à vontade do Pai, o que não significa também anular a nossa vontade, mas orientar nossas disposições para o bem. Que a vontade de Deus atinja a totalidade do universo: “na terra como no céu!” (6,10).

Manter-se firme na vontade do Pai não é fácil. Exige coerência e constante renovação do compromisso com a causa da justiça. Esse projeto só se realiza quando há entrega: “Meu Pai, se não é possível que esta taça passe sem que eu a beba, seja feita a tua vontade” (26,42). Cumprir a vontade do Pai nos congrega na família de Jesus: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (12,50).

Após os três pedidos relacionados a Deus, a oração volta a sua atenção para as necessidades cotidianas: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, “perdoa-nos as nossas dívidas”, “não nos submeta à tentação”, “livra-nos do Maligno” (6,11-13). O pedido do pão de cada dia não visa o acúmulo, mas a sobrevivência. No livro de Provérbios encontramos o mesmo pedido: “afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dêes nem riqueza e nem pobreza, concede-me o meu pedaço de pão” (Pr 30,8). O pão simboliza o alimento. É o pobre que pede o alimento para a sua própria subsistência.

O apelo profético do livro do Terceiro Isaías tem que continuar sempre vivo nas comunidades cristãs de todos os tempos: o jejum que agrada a Deus é “repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu e em não te esconderes daquele que é tua carne” (Is 58,7).

“O perdão das dívidas!” Na realidade das comunidades cristãs, muitas pessoas estavam enfrentando dívidas. Em Mateus 18, 23-35, há uma parábola que expressa bem essa realidade, nos últimos versículos lemos: “Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: ‘Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida, porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?’ Assim, encolerizado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida. Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão” (18,32-34).

O perdão de Deus exige justiça! Deus é misericordioso, ele sempre nos concede o seu perdão (Sl 25,11.18; 32,1; 79,9). Mas a maneira de receber o perdão de Deus é perdando e vivendo o amor: “Porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem até o que tem lhe será tirado” (25,29). Assim, o perdão e o amor de Deus devem nos

levar a perdoar e amar as pessoas com as quais convivemos e entramos em contato em nosso dia a dia assumindo a mesma atitude do Pai. O caminho do perdão e do amor não é fácil, é um aprendizado constante!

“Não nos submetas à tentação”. Não pedimos a Deus que ele afaste de nós as tentações, mas que nos dê forças para superá-las. Há muitas forças que nos arrastam para o caminho do mal. Somos pessoas frágeis e só podemos vencer com o auxílio de Deus. Com esse pedido, expressamos nossa confiança em Deus, que é maior do que a realidade do mal. É preciso acreditar que o bem sempre vence.

“Livra-nos do Maligno” é o último apelo da oração do *Pai-nosso*. Esta súplica só aparece no evangelho de Mateus. Nos evangelhos, o Maligno é aquele que luta contra o reinado de Deus e impede que a semente do reino de Deus crie raízes no coração das pessoas: “Vem o Maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração. Esse é o que foi semeado à beira do caminho” (13,19). Ele é o responsável pela presença do mal: “Veio o inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora” (13,25). A todo o momento somos tentados pelo mal.

O mal muitas vezes está dentro de nós mesmos, como afirma a carta de Tiago: “Ninguém, ao ser provado, deve dizer: ‘É Deus que me prova’, pois Deus não pode ser provado pelo mal e a ninguém prova. Antes, cada qual é provado pela própria concupiscência, que o arrasta e seduz” (Tg 1,13-14). Que o Pai nos livre do mal. Essa oração é um programa de vida para a pessoa cristã e um guia para uma vida cristã coerente. A última palavra é o amém. A nossa confirmação de que estamos de acordo com esse projeto e ao nosso compromisso de dar continuidade ao projeto do Reino. Que o nosso Pai esteja conosco hoje e sempre, amém!

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Cristo está presente na comunidade reunida!

PERSONAGENS: Discípulos, Pedro e Jesus.

TEXTO: Mt 18,15-22.

PALAVRAS-CHAVE: irmão, pecar, ligar, desligar, reunidos, perdoar.

PERSPECTIVA: Entender que dar e receber o perdão são fundamentais em nossa vida pessoal e comunitária.

“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores, pequenas faixas de papel branco, pinceis atômicos e cola.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Com alegria, iniciemos mais este encontro na certeza de que o Cristo ressuscitado está vivo e presente em nosso meio.

Todas (os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo! É hora de transformar o que não dá mais; sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda co'a gente também, você é muito importante! (2x)

Não é possível crer que tudo é fácil; há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão!

A força que hoje faz brotar a vida atua em nós pela tua graça. É Deus que nos convida pra trabalhar: o amor repartir e a força juntar.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre as obras de piedade e procuramos rever como nós as vivenciamos. Neste momento, vamos fazer memória do que nós aprendemos no terceiro encontro. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior. *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: O tema do nosso encontro de hoje é “Cristo está presente na comunidade reunida!” (*pedir para o grupo repetir o tema*). O testemunho das primeiras comunidades cristãs confirma que as diferenças os conflitos fazem parte de nossa vida, por isso é fundamental que saibamos cuidar uns dos outros e perdoar ao irmão ou à irmã quantas vezes forem necessárias. É a solidariedade e o perdão que nos humanizam, nos recriam e recriam a comunidade. Peçamos ao Espírito de Deus que nos dê a capacidade de perdoar sempre e de sermos sensíveis às dificuldades e sofrimentos uns dos outros.

Cantemos: *Dá-nos um coração grande para amar!*
Dá-nos um coração forte para lutar!

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Houve uma festa na comunidade e na hora da prestação de contas faltou um valor de R\$ 150,00. Um membro da comunidade acusou a coordenadora. O padre foi pedir-lhe satisfação. Sentindo-se desconfiada e muito triste, ela disse ao padre: “Desde a construção dessa Igreja, eu e minha família ajudamos economicamente com muitas coisas. Não tem sentido, eu dar com uma mão e tirar com a outra”. Enquanto isso, a fofoca já havia se espalhado pelos quatro cantos da cidade. Alguns dias depois, refizeram as contas e viram que tudo não passara de um engano. A coordenadora, mesmo inocente, ficou envergonhada, não tinha coragem de sair de casa, chegando inclusive a ficar doente. Seus filhos e o seu marido exigiram que ela deixasse a comunidade. O padre e um representante da comunidade pediram desculpas publicamente e a coordenadora,

mesmo com o coração partido, perdoou e continuou frequentando a comunidade.

Dirigente: Você deixa a comunidade perceber que está sofrendo? Somos sensíveis uns aos outros na comunidade? Percebemos e cuidamos das pessoas que estão sofrendo em nossa comunidade?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Após a destruição do templo de Jerusalém, em torno do ano 70 d.C., os fariseus se organizaram na Sinagoga. Aos poucos, esse grupo assumiu a observância rigorosa da Lei, tornando-se extremamente legalista, chegando a expulsar os grupos dissidentes. Os encontros e a vida das comunidades estavam cada vez mais centrados na prática dos rituais. Na oração das Dezoito bênçãos, escritas nesse período, pede-se que os “nazareus” e os “minim” pereçam. Em meio à perseguição externa e aos conflitos internos, as comunidades de Mateus, seguidoras de Jesus de Nazaré, devem fortalecer a unidade para sobreviver. Nesse sentido, é importante reforçar a importância do perdão, da sensibilidade e da prática concreta da solidariedade na comunidade.

5. Leitura do texto

Dirigente: Vamos acolher a Palavra de Deus cantando: *"É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa. Tua palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal."*

Leitora ou leitor 3: Ler Mt 18,15-22.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quais as atitudes apresentadas no texto para resolver os problemas e qual o processo para corrigir a pessoa que errou?
- b) “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”. Como deve ser a comunidade para que se perceba essa presença de Jesus?
- c) Por que Jesus recomenda que o perdão deve ir além de sete, “mas até setenta e sete vezes”?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A solidariedade e a correção fraterna e a oração são formas de manter a comunidade unida e perseverante em seus ideais. Somos pessoas limitadas, por isso é necessário o cuidado de uns pelos outros e o caminho de conversão. Cada pessoa cristã é chamada a se tornar “pastor” para seus irmãos e irmãs. É preciso sair ao encontro da pessoa que errou e, acima de tudo, amá-la. A correção fraterna é necessária em todos os ambientes que vivemos.

- a) Como podemos cuidar uns dos outros e viver o perdão em nossa comunidade?
- b) Como a oração comunitária pode nos ajudar a ser mais sensíveis, fraternos e solidários uns com os outros?
- c) Como aceitar os nossos limites pessoais e comunitários e os limites das pessoas de nossa comunidade?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Rezemos pedindo a Deus que perdoe os nossos pecados e que nos dê a graça de sermos solidários uns com os outros e perdoarmos os pecados das pessoas com as quais convivemos. Rezemos a oração que o próprio Cristo nos ensinou.

Todas (os): Pai-nosso...

Dirigente: Na faixa que temos à nossa frente vamos escrever quais são as virtudes de nossa comunidade e com elas vamos construir uma corrente. Depois de construir a corrente, cada pessoa poderá tocar nessa corrente e rezar uma prece pedindo a Deus que fortaleça a nossa comunidade.

Sugestão: Rezar o Salmo 133/132

Vede: como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos.

É como óleo fino sobre a cabeça descendo sobre a barba, A barba de Aarão, descendo sobre a gola de suas vestes.

É como o orvalho do Hermon, descendo sobre os montes de Sião;

Porque aí manda Javé a bênção e a vida para sempre.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mt 25,31-46, e quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

- Trazer um prato de doce ou salgado para partilhar na próxima reunião.

9. Gesto concreto

Fazer uma revisão de vida e ver se há, na minha vida pessoal ou comunitária, alguém que eu preciso perdoar ou pedir perdão. Olhar as pessoas de nossa comunidade, ver se há alguém que está sofrendo ou passando por dificuldades. Se houver, tomar a iniciativa de ir ao encontro da pessoa que precisamos nos reconciliar ou envolvê-la com os cuidados solidários da comunidade.

10. Bênção final

Dirigente: Invoquemos sobre nós as bênçãos de Deus. Vamos utilizar a bênção indicada na Bíblia. Depois de cada invocação, vamos responder: Amém.

“Javé te abençoe e te guarde”.

“Javé faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te seja benigno”.

“Javé mostre para ti a sua face e te conceda a paz!”
(Nm 6,24-26).

Orientação para o quarto encontro

Situando o texto: As comunidades de Mateus e os conflitos internos e externos

Algum tempo depois da destruição do templo de Jerusalém, os grupos de fariseus ligados ao judaísmo oficial iniciaram uma perseguição sistemática contra os dissidentes do judaísmo, chegando a expulsá-los das sinagogas. Neste período,

uma bênção contra eles, considerados hereges, foi incorporada às dezoito bênçãos que os judeus deviam rezar diariamente:

Para os apóstatas, que não haja esperança. O domínio da arrogância elimina rapidamente em nossos dias. E deixe os nazareus e os minim perecer em um momento. Deixe-os apagados do livro da vida. E que não sejam escritos junto com os justos.⁷

A perseguição do grupo de fariseus atinge os judeus cristãos, que reconhecem e confessam Jesus de Nazaré como o Messias. Para eles, Jesus é o novo Moisés e o verdadeiro intérprete da Torá:

Com efeito, eu vos asseguro que, se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus. Ouvistes o que foi dito aos antigos; não matarás; aquele que matar terá de responder no tribunal. Eu, porém, vos digo: todo aquele que se encolerizar contra seu irmão terá de responder no tribunal; aquele que chama ao seu irmão “Cretino!” estará sujeito ao julgamento do Sinédrio; aquele que lhe chamar “renegado” terá de responder na geena de fogo (5,20-22).

A insistência que se encontra aqui é cortar o mal pela raiz. Mais do que norma, a proposta de Jesus, segundo o evangelho de Mateus, é fazer da vida um contínuo ato de discernimento da situação em favor dos “pequenininhos”. As comunidades de Mateus insistem: Jesus veio *cumprir toda a justiça* (3,15) e *não veio revogar a Lei* (5,17). A justiça e a Lei somente são sagradas quando vividas na misericórdia e gerarem a vida em fraternidade.

⁷ J. Andrew OVERMAN, *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo, Loyola, 1997, p.59

Nesta perspectiva, escribas e fariseus são acusados de transformar a Lei em mandamentos humanos a serviço dos grupos dirigentes: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23). Com as inúmeras observâncias e costumes, escribas e fariseus, como autoridade do povo judeu, transformam a Lei em observância mecânica para a promoção pessoal. Ostentavam práticas ritualistas destinadas somente para aumentar seu prestígio como pessoas religiosas. Gostavam de dar esmolas para os pobres em público, e vangloriavam-se de suas obras assistenciais e de sua religiosidade.

Após a destruição do templo e o desaparecimento de vários grupos judaicos, como saduceus, essênios, zelotas e sicários, o grupo dos fariseus, ou judeus fariseus, assume a liderança do povo, impõe sua forma de interpretar a Lei, determina quem é puro ou impuro, e persegue os dissidentes. Espalha os conflitos e sofrimentos que provocam nas pessoas que são perseguidas diferentes reações. Eis um dos textos exclusivos de Mateus que expressa tal reação aos judeus fariseus:

Ó condutores cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade (23,24.27-28).

O tom agressivo desse texto testemunha a gravidade do conflito entre os judeus cristãos e os judeus fariseus. O conflito de irmãos pela interpretação e observância da Lei e da tradição do judaísmo! Sem dúvida, esse conflito obriga os judeus cristãos a tomar posição cada vez mais forte contra os judeus fariseus,

organizar e fortalecer a comunidade ou “Igreja”. É o processo de institucionalização (16,13-20)! Em comparação com o grupo dos fariseus e sua organização, como a Academia ou o Sinédrio de Jâmnia, reconhecido pelo Império romano, dono do poder, as comunidades cristãs eram apenas uma pequena minoria no mundo greco-romano. A ordem é fortalecer sua identidade e unidade, organizar e reorganizar a Igreja.

O conflito com os judeus fariseus não é a única causa para a necessidade urgente da organização e do fortalecimento de uma comunidade de relações sustentadoras. Em busca da sua identidade no judaísmo, os judeus cristãos enfrentam também conflitos internos. Há vários modos de interpretar a mensagem e a prática de Jesus de Nazaré. São as divergências que provocam até escândalos nas comunidades. Eis um texto que confirma essa realidade:

E aquele que recebe uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim. Caso alguém escandalize um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e fosse precipitado nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos! É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem! (18,5-7).

Uma das principais causas dos conflitos internos é a tentação de imitar a sociedade greco-romana vigente onde há competição, busca de acúmulo, prestígio e poder (4,1-11; 20,20-28). Isso está expresso na pergunta dos discípulos: “Quem é o maior no Reino dos Céus” (18,1). Jesus responde com uma parábola com a presença de uma criança que era, nessa época, símbolo vivo dos fracos, dos humildes e dos esmagados pela sociedade. Na comunidade cristã, ao contrário da mentalidade greco-romana, o maior é o que serve.

A outra causa é a entrada nas comunidades cristãs, de pessoas não judias ou estrangeiras, consideradas “gentias”, com suas tradições e costumes diferentes. A imposição da circuncisão aos gentios, por exemplo, gera o conflito até entre Pedro, judeu cristão, e Paulo, judeu cristão helenista (com a influência da cultura grega), na comunidade de Antioquia. No início do nascimento do cristianismo temos o seguinte registro:

Mas quando Cefas (Pedro) veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia (Gl 2,11-13).

Esta polêmica continua presente nas comunidades de Mateus na qual a maioria dos membros é judia, mas, também, há a presença de gentios em seu meio. A resistência dos judeus cristãos para abertura aos gentios persiste e provoca problemas de relacionamento. O evangelho de Mateus lembra a abertura de Jesus para os gentios e para os pecadores: “Deus faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (5,45; cf. 9,10-13).

Como as comunidades de Mateus seguem Jesus em circunstâncias diferentes? De que forma elas enfrentam os conflitos externos e internos para manter a identidade e unidade das comunidades? O discurso do capítulo 18 trata da vivência comunitária. Em especial, os versículos 15-22 estabelecem a atitude fundamental na vida comunitária: a correção fraterna, o perdão das ofensas e a oração em comum.

Comentando o texto: 18,15-22 – A correção fraterna e o perdão

Em nossa vida e em nossas comunidades quase sempre enfrentamos a dificuldade de perdoar e aceitar os próprios limites como também das pessoas com as quais convivemos. Perdoar é resgatar a relação com o outro quando o vínculo foi quebrado por alguma ofensa. É um processo difícil, que exige amor, desprendimento e liberdade interior. As comunidades de Mateus apresentam algumas orientações sobre a maneira de se relacionar com os membros que estão se desviando. Vejamos os passos indicados:

1. “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir, ganhaste teu irmão” (18,15). Na comunidade o vínculo que une os membros entre si é fazer a vontade do Pai: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (12,50). Além do termo irmão, o evangelho de Mateus, de maneira carinhosa, chama os membros da comunidade de “criança” e “pequenino”. O cuidado recíproco é fundamental. É preciso ir ao encontro da pessoa que está se desviando e não ficar esperando de braços cruzados. Quando se trata de restabelecer as relações, não importa se o outro errou, o que importa é a atitude de acolhida e misericórdia. É sair e ir ao encontro da pessoa que errou para ajudá-la a retomar o caminho.

A atitude de corrigir o irmão em particular demonstra respeito e compreensão. Ninguém gosta de ver seus defeitos apontados na frente de outras pessoas. Na conversa pessoal há uma grande possibilidade de a pessoa que fez a ofensa ouvir. Nesse sentido, ouvir implica a percepção do próprio limite e o arrependimento. A expressão ganhar o irmão pode ter o sentido de trazê-lo de volta para o grupo. Diante da realidade nascente

das primeiras comunidades cristãs e da descrença, muitos membros estavam abandonando o seguimento de Jesus. Portanto, o objetivo é que a pessoa reafirme a sua caminhada e o seu compromisso na comunidade.

2. Conversar com o irmão na presença de testemunhas: se a primeira tentativa de ir ao encontro do irmão for em vão, a pessoa ofendida não deve desistir. Porém, na segunda vez a recomendação é ir ao encontro dele com a presença de duas ou três testemunhas. Este é um princípio legal que consta na Lei judaica: “Uma única testemunha não é suficiente contra alguém, em qualquer caso de iniquidade ou de pecado que há cometido. A causa será estabelecida pelo depoimento pessoal de duas ou três testemunhas” (Dt 19,15; 17,6-7).

3. “Caso não lhes der ouvido, dizei-o à Igreja” (18,17). As possibilidades de conversão não se esgotam: é mais uma tentativa de reconciliação sem aplicar medidas punitivas. E se a pessoa ainda persistir no erro deverá ser considerada como “gentia” ou “publicana”.

Quem eram os gentios e os publicanos? No evangelho de Mateus vemos Jesus ao lado desses dois grupos; por exemplo, ele chama um cobrador de impostos para segui-lo (9,9), come com publicanos e pecadores. E ao ser questionado sobre o seu comportamento, Jesus responde: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: misericórdia é o que eu quero, e não o sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas pecadores” (9,10.12-13). Proclama que ele é o servo para todas as nações: “Porei o meu espírito sobre ele e ele anunciará o Direito às nações”

(12,18). Tratar o pecador como gentio ou publicano é continuar insistindo para que ele volte a fazer parte do grupo. A missão de Jesus e da comunidade cristã é voltada para gentios e publicanos.

Ao terminar de apresentar a maneira de agir com o pecador, o texto apresenta duas sentenças introduzidas pela expressão “em verdade”, o que indica o grau de importância do que será dito. A primeira afirma que a ação da comunidade é confirmada por Deus e a segunda garante a presença do ressuscitado na comunidade: “Em verdade, vos digo: tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu” (18,18). A autoridade é atribuída à comunidade ou *ecclesia*, a assembleia das pessoas seguidoras de Jesus como Messias. No capítulo 16,19, há uma afirmação semelhante referindo-se a Pedro. Esses versículos dão a máxima autoridade a Pedro e à comunidade. Diante da insegurança e da instabilidade vivenciadas pelas comunidades nos conflitos com a Sinagoga e com o Império Romano, o evangelho de Mateus reforça que o poder da comunidade e de seus líderes ultrapassa os poderes existentes.

A autoridade da comunidade vem de Deus e o lugar de sua ação é a comunidade reunida: “Em verdade vos digo ainda: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estou no meio deles” (18,19-20). A comunidade é o lugar da presença de Jesus. É a prática da oração comum que os une e transmite a certeza de que o Pai atende às suas necessidades.

Qual o limite para perdoar o irmão? Pedro, que sempre aparece como porta-voz da comunidade, pergunta a Jesus: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes!” (18,21-22). Não há limites

para perdoar o irmão. O perdão deve ser constante. O número sete pode indicar plenitude ou totalidade. Portanto, mesmo que as ofensas sejam numerosas, o perdão também deve ser maior ainda. A solidariedade, a misericórdia, a inclusão e o compromisso com a reconciliação são exigências para as comunidades cristãs de todos os tempos.

Aprofundando: diferentes modelos de comunidades cristãs

Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (16,16-19).

Neste texto redacional e exclusivo do evangelho de Mateus, a figura de Pedro ganha supremacia à frente das comunidades de Mateus, oriundas do judaísmo, que estavam em oposição com os judeus fariseus por volta do ano 85 d.C. O conflito severo e até arrasador, talvez tenha induzido as comunidades de Mateus a fortalecer sua unidade e organização: Pedro, com autoridade, tem em suas mãos as chaves do Reino de Deus. Ele é apresentado como chefe supremo para ligar e desligar do Reino, ou seja, admitir e excluir das comunidades. No processo de institucionalização das comunidades cristãs aconteceu o fortalecimento da autoridade.

Há outros sinais de fortalecimento da organização das comunidades de Mateus. Por exemplo, entre os evangelhos,

somente Mateus utiliza o termo *ecclesia* (termo que no grego significa assembleia, e que depois será traduzido como igreja, 16,18; 18,17), com um certo grau de organização: poder de julgar, perdoar e condenar (16,19), direito de excluir ou excomungar (18,17-20), de se reunirem para celebrar a ceia do Senhor (26,26-29), de batizar (28,19) etc. Um modelo mais estruturado da Igreja!

Ao ler o Novo Testamento ou Segundo Testamento, é evidente que encontramos a diversidade de realidades, preocupações e modelos das comunidades cristãs. Eis aqui alguns exemplos:

1) Diversidade e unidade na comunidade cristã de Corinto:

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos (1Cor 12,4-7).

A comunidade cristã de Corinto é formada por pobres e ricos, provenientes de diferentes etnias e culturas. Uma comunidade que enfrenta divisões e rixas internas nos anos 50 d.C.: “‘Eu sou de Paulo!’, ou ‘Eu sou de Apolo!’, ou ‘Eu sou de Cefas’, ou ‘Eu sou de Cristo!’” (1Cor 1,12; cf. 1Cor 11,17-34). Enfrenta o escândalo, a ostentação e a injustiça: “A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade” (1Cor 13,4-6; cf. 1Cor 5,1-13; 6,1-11).

Diante dessa realidade, Paulo afirma que a igreja toda é vista como um só corpo de Cristo, onde o poder do Espírito de Cristo atua nos seus membros (1Cor 12,12-30). Qualquer dom ou trabalho de cada membro não é mérito individual ou recompensa, mas gratuidade de Deus. Deve servir ao bem comum da Igreja para vivenciar e testemunhar as palavras e práticas de Jesus Cristo: “Anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,23-25).

2) Os cristãos vindos do judaísmo e os provenientes da gentilidade no livro dos Atos dos Apóstolos:

Irmãos, vós sabeis que desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificado seus corações pela fé. Agora, pois, porque tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós podemos suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles (At 15,7-11).

A primeira assembleia da igreja cristã, realizada em torno do ano 50 d.C., em Jerusalém, debateu uma questão muito polêmica: a circuncisão segundo a Lei de Moisés devia ou não ser exigida dos não-judeus? O debate é narrado em Atos 15,1-29 e em Gálatas 2,1-10. O estudo comparativo das duas versões

afirma que Atos apresenta uma releitura das comunidades cristãs sobre a primeira assembleia a partir da realidade da Ásia Menor por volta do ano 85 d.C.

Nesse período, os judeus cristãos estavam muito próximos do momento em que ocorreria a sua expulsão das sinagogas, talvez até alguns já tinham sido excluídos da comunidade judaica por causa da polêmica e do conflito com as autoridades religiosas judaicas, ou seja, dos judeus fariseus. O movimento cristão, nascido no seio da cultura judaica da Galileia, já tinha expandido para fora da Palestina e tinha sido obrigado a conviver com outras culturas e tradições como no caso das comunidades de Lucas, na Ásia Menor. O amor pela unidade e fraternidade talvez tenha induzido, em nova realidade, o movimento cristão a organizar as normas e as comunidades de forma diferente.

3) A comunidade joanina:

Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer (Jo 15,12-15).

A comunidade joanina, por ser aberta aos samaritanos (Jo 4; 8,48), por acolher gregos e gentios (Jo 7,35; 11,53; 12,20); por atribuir papéis de liderança às mulheres (Jo 4; 11,27), por aceitar a proposta de Jesus e vivê-la de uma forma mais profunda e radical depois de ter sido expulsa do judaísmo (Jo 9,22; 12,42; 16,2), viveu uma situação de constante conflito externo e interno. Enfrentou forte perseguição dos judeus fariseus e do Império

Romano, por volta do ano 95 d.C.: “Expulsar-vos-ão das sinagogas. Mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus” (Jo 16,2; cf. Jo 9). Também, a diversidade de grupos existentes na comunidade, como ex-fariseus (Jo 3), samaritanos (Jo 4), gregos (Jo 7,35), entre outros, provocou discussões e atritos dentro da própria comunidade, mas também com outras comunidades que não viviam o seguimento de Jesus com a mesma radicalidade: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15); “Quem ama a Deus”, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4,20).

Esses conflitos fizeram a comunidade buscar fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18). A comunidade joanina permaneceu fiel às palavras e práticas de Jesus porque acreditou em Jesus com a ressurreição e a vida acontecendo no tempo presente (Jo 11 e 20) e, enfim, experimentou que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14; cf. 1Jo 1,1-4).

4) As comunidades na primeira carta de Pedro:

Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em edifício espiritual, dedicais-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo (1Pd 2,4-5).

Nas comunidades cristãs de várias regiões da Ásia Menor, que receberam a Primeira Carta de Pedro por volta do ano 90 d.C., havia estrangeiros residentes, forasteiros, escravos, mulheres de maridos não cristãos etc. A maioria não tinha cidadania plena. Não podia ter terra, receber ou transferir herança, não tinha direito de votar nem mesmo podia casar com

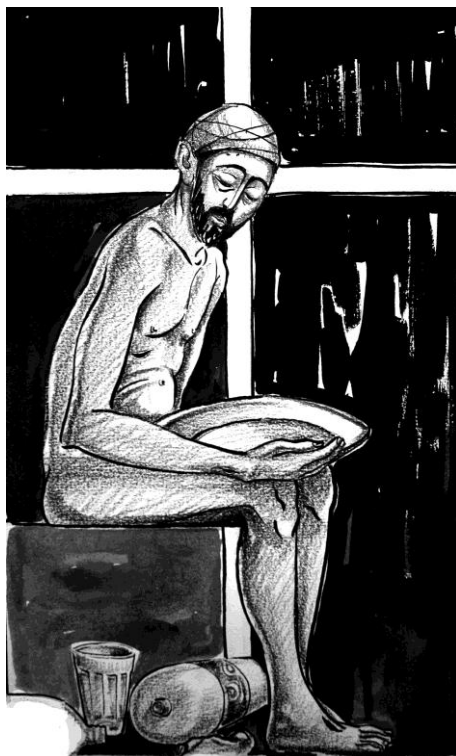
cidadãos. Era desprezado e rejeitado pela sociedade e vivia na insegurança. Por isso, a primeira carta de Pedro orienta: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor” (1Pd 2,13). A submissão à autoridade era uma questão de sobrevivência. Não era uma submissão ingênua, mas consciente, com o objetivo de evangelizar por meio da prática do bem e do amor, em meio às situações de opressão e insegurança (1Pd 2,13-3,17).

Para a vivência interna da comunidade, a primeira carta de Pedro também relembra que esse grupo de excluídos foi eleito por Deus para formar um “sacerdócio santo”. Agora, o sacrifício será a oferta da própria vida, que se concretiza no culto, no serviço, na doação, no amor recíproco, na entrega cotidiana. Nessa nova prática, cada pessoa é chamada a assumir o sacerdócio. O trabalho e o poder são partilhados. Com a honra e o respeito de serem eleitos e abençoados por Deus, os excluídos se comprometem na organização da comunidade e na construção de uma nova sociedade de fraternidade: “Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito. Não paguei mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isso fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção” (1Pd 3,8-9).

Essas passagens do Novo Testamento mostram claramente que as comunidades cristãs ou igrejas locais tem seus problemas e suas próprias organizações, devido à suas realidades diferentes. As comunidades cristãs são os meios por meio dos quais as palavras, a prática e a vida de Jesus de Nazaré são experimentadas e transmitidas. Em princípio, as comunidades devem ser um dos espaços onde seus membros experimentam a presença viva de Jesus Cristo em seu meio: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na

carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Jesus está presente nas pessoas marginalizadas.

PERSONAGENS: Jesus e os discípulos.

TEXTO: Mt 25,31-36.

PALAVRAS-CHAVE: ovelhas, bodes, direita, esquerda, fome, sede, forasteiro, doente, preso, benditos, malditos, irmãos e pequeninos.

PERSPECTIVA: Seguir a Jesus exige assumir a prática concreta do amor, especialmente no compromisso solidário com as pessoas empobrecidas e marginalizadas.

“Tive fome e destes de comer. Tive sede e me destes de beber.

Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me”. (Mt 25,35)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela e flores.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos esse nosso encontro colocando-nos na presença da Trindade, pedindo que ela nos ajude a viver o amor e a doação às pessoas necessitadas.

Todas (os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Nesta caminhada de reflexão e oração, aprendemos, com o testemunho das comunidades de Mateus, a importância de rever as raízes históricas de Jesus e as raízes de nossa história para percebermos a presença de Deus em nossa vida. Recordamos os ensinamentos de Jesus nas bem-aventuranças: os pobres, os aflitos, os sem-terra, os doentes, os perseguidos, que eram considerados malditos pela religião oficial e pelo Império, Jesus proclama que eles são benditos no Reino de Deus. Refletimos sobre as obras de piedade – esmola, oração e jejum – que não devem ser mero cumprimento ritual da Lei, mas devem ser expressão da vivência de nossa fé. Outro elemento importante que rezamos foi sobre a solidariedade, a correção fraterna e a oração que ajudam a manter a perseverança da comunidade. No encontro de hoje, vamos rezar sobre o discurso de Jesus sobre o julgamento final, no qual seremos julgados pela prática do amor.

Abrindo nosso coração para acolhermos os ensinamentos de Jesus, cantemos:

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado. Compreender que ser compreendido. Amar que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: “Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu” (Mt 24,29-31).

Dirigente: Os capítulos 24-25 de Mateus descrevem como será o “Juízo Final”. Uma leitura fundamentalista pode provocar susto e medo. Como será o julgamento final? Será

mesmo um abalo cósmico, como afirma o evangelho de Mateus? Como e onde encontramos Jesus, o Filho do Homem, hoje?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, o povo judeu acreditava na transformação do mundo por meio da intervenção de Deus. Essa intervenção seria precedida por um momento de grandes tribulações e sofrimentos. Desde a chegada dos gregos, em 333 a.C., Israel sofre com as destruições e perseguições de seus inimigos, situação que piorou ainda mais com a chegada dos romanos. Eles acreditavam na vinda de um Messias para instaurar o reino de Deus concedendo a vitória aos justos. As comunidades de Mateus também fazem a sua releitura do Juízo Final e apresentam Jesus, o Filho do Homem como rei e juiz de todas as nações para separar as pessoas umas das outras tendo como critério não a lei do puro e impuro, mas a nova justiça do Reino: a prática concreta do amor-solidário. Dessa forma, as comunidades de Mateus trazem o julgamento final para o seu dia a dia: não devemos nos preocupar tanto com os sinais cósmicos, mas com o que fizermos hoje com os nossos irmãos pequeninos e injustiçados, pois este será o critério para a salvação eterna.

5. Leitura do texto

Dirigente: Abrindo nosso coração e nossas mentes para acolher a Palavra de Deus, cantemos:

*Seu nome é Jesus Cristo e passa fome
e grita pela boca dos famintos.
E a gente quando vê passa adiante,
às vezes pra chegar depressa à igreja.*

*Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa,
e dorme pelas beiras das calçadas
E a gente quando vê aperta o passo
E diz que ele dormiu embriagado.*

*Entre nós está e não o conhecemos.
Entre nós está e nós o desprezamos. (2x)*

Leitora ou leitor 3: Ler Mt 25,31-46.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quem são os benditos de meu Pai?
- b) Quem são os malditos?
- c) Releia o texto atentamente e veja quais são as características do Filho do Homem?
- d) Por que os “benditos” e os “malditos” reagem com surpresa?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A situação de julgamento final é um alerta para as comunidades de Mateus praticarem a justiça do Reino. Os gritos das pessoas famintas e desprezadas pela sociedade continuam ecoando em nossos ouvidos e muitas vezes nós abafamos esses clamores.

- a) Que espaços as pessoas que sofrem violências e injustiças encontram para fazerem seus apelos em nossas comunidades? Conhecemos, escutamos e acolhemos essas pessoas?
- b) Quem são os “benditos de meu Pai” na realidade de hoje?
- c) O que motiva o nosso compromisso com a justiça?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Olhando ao nosso redor, vemos tantas pessoas que sofrem situações de injustiça social. Podemos lembrar algumas dessas realidades. *Tempo para a partilha.* Encerrar esse momento com o refrão de um canto escolhido pelo grupo.

Dirigente: De mãos dadas, vamos rezar o Pai-nosso reforçando nosso compromisso com o projeto de Deus e implorar para que o Reino de Deus se estabeleça entre nós. *Pai-nosso.*

8. Gesto concreto

Ver quais são as necessidades mais urgentes em nossa comunidade ou em nosso grupo e realizar uma ajuda concreta.

Continuar aprofundando o evangelho de Mateus e ver qual a melhor forma de dar continuidade ao seguimento de Jesus hoje.

10. Bênção final

Dirigente: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo”. Que a nossa prática cristã possa nos conduzir a um verdadeiro encontro com Cristo na pessoa dos irmãos e irmãs, dos pequeninos e das pequeninas. Que Deus pai nos dê a bênção da sensibilidade para reconhecermos a presença dele nas pessoas com as quais nos encontramos. Que ele nos abençoe hoje e sempre.

Todas (os): Amém.

Dirigente: Vamos estender as nossas mãos sobre os alimentos que trouxemos. Que Deus abençoe estes alimentos e que a partilha da comida seja sinal de nossa comunhão entre nós e com as pessoas com as quais convivemos.

Todas (os): Amém.

Orientação para o quinto encontro

Situando o texto: o Juízo final

¹Um Hino de Salomão. O Senhor é fiel para aqueles que o amam de verdade, para aqueles que suportam sua disciplina, ²para aqueles que vivem na justiça de seus mandamentos, na lei, que ele mandou para nós, para a nossa vida. ³Os santos do Senhor viverão por ela para sempre, os seus santos são o paraíso do Senhor, as árvores da vida. ⁴O plantio está enraizado para sempre, eles não serão arrancados todos os dias dos céus. ⁵Porque Israel é a porção e a herança de Deus (Salmos de Salomão 14,1-10).

O texto reflete o pensamento dos fariseus a respeito do “Juízo Final”: o Senhor Javé tem uma relação de aliança com Israel, o povo eleito ou “herança de Deus”. Ele é o defensor dos “puros” que observam e seguem seus mandamentos ou a sua Lei. Eles não serão julgados, condenados e “arrancados”, e viverão no “paraíso do Senhor” ou no Reino de Deus.

O Juízo Final, como a intervenção de Javé, está presente nos livros apocalípticos judaicos, escritos a partir do ano 200 a.C. No século II a.C., os judeus sofrem com a exploração, com a imposição cultural e a perseguição do império grego sob o governo Selêucida (um dos generais de Alexandre Magno), com a capital em Antioquia, na Síria.

A implantação sistemática da civilização grega ou o processo de helenização coloca em risco a identidade, a unidade e a existência dos judeus. Onde estaria Javé, Deus de Israel, diante da calamidade de seu povo? Deus e sua vontade estão “ocultos”,

“escondidos”. O significado de “cobrir”, “esconder”, “ocultar”, é expresso pelo verbo grego *kalýpto*. É necessário “descobrir”, “retirar o véu”, “revelar”, no verbo grego *apokalýptó*, a vontade de Deus. Especialmente, os judeus devem conhecer “as últimas coisas”, em grego *éschata*, ou seja, a intervenção de Javé, Juízo final, em favor de Israel.

Há vários livros apocalípticos judaicos que descrevem a transformação do mundo e da história por meio da intervenção de Javé: a escatologia judaica. Lendo esses livros, como, por exemplo, o livro de Daniel, as três etapas estão presentes no processo da intervenção de Javé:

- 1) Tribulação: Israel sofre com as destruições e perseguições de seus inimigos: “A quarta fera será o quarto reino na terra, diferente de todos os reinos. Ele devorará a terra inteira, calcá-la-á aos pés e a esmagará. Ele tentará mudar os tempos e a Lei, os santos serão entregues em suas mãos...” (Dn 7,23.25). Porém, a tribulação é passageira. O Senhor vai agir com o envio do “Filho do Homem”.
- 2) A chegada (*parusia*) do Messias: “Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram” (Dt 7,13-14a).
- 3) O Juízo Final e o estabelecimento definitivo do Reino de Deus: “O tribunal dará audiência e o domínio lhe será arrebatado, destruído e reduzido a nada até o fim. E o reino e o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo.

Seu Império é império eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência” (Dn 7,26-27).

Agora, antes de tudo, quem são “os santos do Altíssimo”? Eles são os puros e fieis à Lei para os escribas e os fariseus, que empreenderam o grande movimento de instrução dos judeus na Lei, especialmente na lei do puro e do impuro, diante do avanço da helenização. No Juízo Final, acontecerá a separação entre os puros no “paraíso do Senhor” e os impuros “arrancados todos os dias dos céus”. Com esta perspectiva, após a destruição do segundo templo de Jerusalém, os fariseus insensificam seus discursos do Juízo Final segundo a Lei.

Diante desse discurso dos fariseus, as comunidades judaicas cristãs de Mateus reagem. Na perseguição dos fariseus e do Império Romano, os judeus cristãos fazem uma releitura da literatura apocalíptica como meio de resistência e de sobrevivência diante dos seus perseguidores. Descrevem seu discurso do Juízo Final, apresentando Jesus como o Filho do Homem e um juiz universal dos povos. Eis o texto deste discurso escatológico de Mateus:

- 1) Tribulação (24,1-25): “Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome. E então muitos sucumbirão, haverá traições e guerras intestinas. E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E esse Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testamento para todas as nações. E então virá o fim” (24,9-14).

- 2) A vinda do Filho do Homem e a vigilância (24,26-25,13): “Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu. Por isso, também vós, ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais” (24,29-31.44).
- 3) O Juízo Final (25,31-46): “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda” (25,31-33).

Nos capítulos 24 e 25, as comunidades de Mateus retomam textos apocalípticos do Antigo Testamento, como, por exemplo, Is 13,9-10, Zc 12,10-12 e Dn 7,13-14, elaborados na resistência às guerras e violências sofridas com o Império Grego e outras elaboradas na resistência ao Império Romano, especialmente nas perseguições nas perseguições de Nero e na guerra dos anos 70, como o evangelho de Marcos 13, e aplicam essas tradições ao contexto de perseguições que elas estão vivendo: “julgadas e castigadas com açoites nas sinagogas por crerem que Jesus é o Messias” (24,9).

As comunidades de Mateus como parte do judaísmo também se apegavam na esperança da vinda de um Messias, que iria

restaurar o reino de Deus concedendo a vitória aos justos. Os discursos escatológicos de Mateus também incluem o Juízo Final. Apresenta o Filho do Homem como um rei e juiz universal para “separar os homens uns dos outros”. Porém, há uma diferença, as comunidades de Mateus veem em Jesus esse rei juiz de todas as nações e o apresentam como o Filho do Homem que julgará, não com o critério da lei do puro e impuro, mas segundo a justiça do Reino: a prática concreta do amor-solidário.

Jesus como um juiz universal reunirá “seus eleitos dos quatro ventos”. Quem são os “eleitos”? Quem entra no Reino de Deus? Quando e onde acontece o Reino? As comunidades de Mateus tratam deste assunto, de modo particular, no capítulo 25,31-46.

Comentando o texto: 25,31-46 – “Vinde, benditos de meu Pai”.

O evangelho de Mateus utiliza uma cena corriqueira da vida dos pastores para falar do Reino de Deus. O texto inicia falando da vinda do Filho do Homem acompanhado por anjos. Esse ser misterioso irá reunir todas as nações e separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos bodes (25,32). Essa descrição pode ter sido tirada do livro de Daniel, que descreve a vinda do Filho do Homem, que vem entre as nuvens para fazer o julgamento e estabelecer o Reino de Deus (Dn 7,9-28).

No Antigo Testamento encontramos algumas cenas de julgamento e quase sempre esses julgamentos são realizados a partir da perspectiva das pessoas oprimidas (Jl 3,1-3). Nessas cenas, os poderosos são derrotados e os explorados são libertados. São os marginalizados e oprimidos que irão usufruir do governo de Deus (1Sm 2,1-10). A finalidade desse julgamento é animar as pessoas exploradas a permanecerem no caminho da justiça, especialmente nos momentos difíceis.

As nações estão reunidas diante do Filho do Homem. Em Mateus 24,14, lemos: “E esse Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testamento para todas as nações”. Ou seja, ninguém está excluído do julgamento: cristãos, judeus e estrangeiros. Todos serão julgados a partir da prática do amor.

No evangelho de Mateus encontramos outros textos que falam de separação entre coisas boas e ruins: “recolherá o seu trigo no celeiro; mas quanto à palha, queimará no fogo” (3,12), o mesmo acontecerá com o joio e o trigo (13,24-30). Em Mateus 13,49, lemos: como o pescador separa os peixes bons, “assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dos justos”. No julgamento final, ovelhas e bodes serão separados.

Quem são as ovelhas? No evangelho de Mateus há textos que apresentam os discípulos como ovelhas, por exemplo: “Eis que vos envio como ovelhas entre lobos” (10,16; cf. 18,12; 26,31). As pessoas que seguem os ensinamentos de Jesus se identificam como ovelhas. Ele colocará as ovelhas à direita e os bodes à esquerda. As pessoas que forem para o lado direito serão honradas e abençoadas e as que forem para o lado esquerdo serão amaldiçoadas.

As pessoas benditas receberão por herança o Reino. Elas usufruirão de uma vida nova, sem exploração, no Império de Deus. A condição para esta participação é a solidariedade com os pequeninos: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (25,35-36). Partilhar com os pequeninos significa dar continuidade à prática de Jesus e de seus ensinamentos. É vivenciar o amor incondicional (5,43-48).

Diante do julgamento, os justos ficam surpresos: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te

recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente e preso e fomos te ver?” (25,37-39). São ações que exigem contato com o outro. Alimentar, dar de beber, acolher o forasteiro e vestir o nu é partilha de bens materiais; visitar o doente e o preso é a oferta de seu próprio tempo e de si mesmo para estar com o outro. Praticar essas ações é condição para Deus se fazer presente em nosso meio (Is 58,6-7).

Aqui temos um ensinamento central nesse julgamento: o Filho do Homem, que agora é apresentado como rei, identifica-se com o menor e se autodenomina irmão: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (25,40). Pequeninos e irmãos são termos utilizados no evangelho de Mateus para designar os discípulos de Jesus (10,42; 12,46-50; 18,6). E Jesus se faz presente na comunidade reunida em oração e na missão: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (28,20; cf. 18,20).

Ele usará o mesmo critério com os da esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso, e não me visitastes” (25,41-43). Eles também ficam surpresos, o que mostra a incapacidade deles de reconhecer e acolher Jesus nos pequeninos.

Por fim, a sentença final: “E irão estes para o castigo eterno enquanto os justos irão para a vida eterna” (25,46). A recompensa dos justos é viver uma vida em Deus, sem opressão. Esse é o sonho de todos os tempos: uma sociedade na qual as pessoas tenham condições dignas de vida. E este sonho é concretizado com a participação de todas as pessoas que assumem em sua vida os ensinamentos de Jesus.

*Aprofundamento: Os textos exclusivos de Mateus na narrativa da paixão e da ressurreição de Jesus*⁸

Depois de dois capítulos sobre o julgamento final (caps. 24-25), o evangelho de Mateus narra a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus (caps. 26-28). Ao ler esses relatos dos evangelhos, não é difícil perceber uma longa história de redação, condicionada pelas diferentes realidades das várias comunidades cristãs. A última palavra de Jesus na cruz, por exemplo, é uma boa amostra de recordações, reflexões e interpretações de cada comunidade:

- “E, à hora nona, Jesus deu um grande grito, dizendo: *‘Eloi, Eloi, lemá sabachtháni’* que traduzido significa: *‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’* Jesus, então, dando um grande grito, expirou” (Mc 15,34.37).

- “Por volta da hora nona, Jesus deu um grande gritou: *‘Eli, Eli, lamá sabachtháni?’*, isto é: *‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’* Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito” (27,46.50).

- “Jesus deu um forte grito: *‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’*. Dizendo isso, expirou” (Lc 23,46).

- “Quando Jesus tomou o vinagre, disse: *‘Está consumado!’* E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30).

⁸ Esta reflexão é baseada no livro *Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: o evangelho de Mateus*, São Paulo, Paulinas, 1998. Texto produzido por Enilda de Paula Pedro; Shigeyuki Nakanose.

É evidente que Mateus se inspirou nos documentos e no esquema geográfico de Marcos. Porém, reelaborou, aumentou, modificou e inseriu muito material novo em vista de seus problemas, polêmicas e conflitos, sobretudo com os judeus fariseus. Para estes, o fato de Jesus de Nazaré ter sido condenado e morto na cruz é uma prova evidente de que ele não era o Messias segundo as esperanças triunfalistas e nacionalistas do judaísmo da época.

Era urgente, para as comunidades de Mateus, que estavam sendo perseguidas e açoitadas nas sinagogas exatamente por defender o Jesus Messias diante dos judeus fariseus, elaborar argumentos para sustentar sua crença na messianidade de Jesus crucificado. Devido à dor e ao sofrimento que as comunidades de Mateus estavam experimentando nos conflitos e perseguições que sofriam da parte das lideranças do judaísmo farisaico, o evangelho de Mateus as denuncia e condena pela morte inocente de Jesus. As comunidades de Mateus praticamente inocentam os romanos e atribuem a culpa pela morte de Jesus às autoridades judaicas. Eis aqui alguns destes textos exclusivos de Mateus:

- 1) O destino do Servo: “Quando Jesus terminou essas palavras todas, disse aos discípulos: ‘Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado’” (26,1-2). Diante da polêmica do messianismo de Jesus que morre na cruz como maldito de Deus, as comunidades de Mateus acrescentam ao texto da paixão um tipo de pré-anúncio em que o próprio Jesus fala da próxima festa da Páscoa ligando-a com sua morte para dizer que ele é o novo cordeiro pascal. Assim, Jesus é o Senhor da história. Ele assume livremente a sua morte como consequência de sua fidelidade ao Pai. Jesus é o verdadeiro Messias anunciado nas Sagradas Escrituras (cf. Is 42,1-9; 52,13-53,12).

- 2) Morte de Judas: “Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorso e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: ‘Pequei, entregando sangue inocente’. Mas eles responderam: ‘Que temos nós com isso? O problema é teu’. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se (27,3-5). Na descrição da morte de Judas, destaca-se a insistente afirmação de que tudo acontece de acordo com o Antigo Testamento: a) o preço da venda do justo (Zc 11,12-13); b) Judas morre como ímpio, enforcado (Dt 21,22-23; 2Sm 18,9-15; Jr 36,30); c) Com o dinheiro da negociação do Justo se compra um campo para enterrar os estrangeiros (27,6-10; Jr 32,6-9; Zc 11,12-13). Como um dos argumentos de destaque, as comunidades de Mateus narram que Judas testemunha a inocência de Jesus.

- 3) Homem justo: “Enquanto (Pilatos) estava sentado no tribunal, sua mulher lhe mandou dizer: ‘Não te envolvas com esse justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele’” (27,19). É mais um texto de acréscimo para confirmar a inocência de Jesus. No evangelho de Mateus, o sonho é manifestação da voz de Deus (1,20; 2,13.19.22). A mulher de Pilatos, uma estrangeira, acolhe a voz de Deus e declara que Jesus é um homem justo.

- 4) A responsabilidade dos judeus: “Vendo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: ‘Estou inocente desse sangue. A responsabilidade é vossa’. A isso todo o povo respondeu: ‘O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos’. Então soltou-lhes

Barrabás. Quanto a Jesus, depois de açoitá-lo, entregou-o para que fosse crucificado” (27,24-26). Historicamente, a condenação de Jesus foi feita pelo tribunal romano de Pôncio Pilatos, pois o tribunal judaico não tinha essa competência. Porém, as comunidades de Mateus, por causa dos conflitos com os judeus fariseus, tentaram jogar toda a culpa nas autoridades judaicas e amenizar a participação do Império Romano. E Mateus ainda afirma que “todos” pedem a condenação de Jesus, colocando toda a responsabilidade nos judeus e seus descendentes. Ao longo da história, esta frase “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!” causou preconceito e perseguição contra os judeus.

- 5) Jesus é filho de Deus: “Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: ‘De fato, este era filho de Deus!’” (27,f 52-54). As comunidades envolvem a morte de Jesus com toda uma manifestação cósmica. Mateus lhe dá uma ênfase especial: além do véu do Templo se rasgar, as rochas, lugar de refúgio, se fendem, os sepulcros se abrem e os mortos ressuscitam e andam pelas cidades. São imagens apocalípticas para dar ânimo às comunidades que estão perseguidas e apáticas e incentivar sua resistência na situação conflitiva em que vivem. O justo ressuscita. Em Cristo, a força da vida é mais forte do que a força da morte (1Cor 15,54-57).

- 6) A guarda do túmulo: “No dia seguinte, um dia depois da Preparação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus, reunidos juntos a Pilatos, diziam: ‘Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor disse, quando ainda vivo: ‘Depois de três dias ressuscitarei!’ Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia, para que os discípulos não venham roubá-lo e depois digam ao povo: ‘Ele ressuscitou dos mortos’, e a última impostura será pior do que a primeira’. Pilatos respondeu: ‘Tendes uma guarda; ide, guardai o sepulcro, como entendeis’. E, saindo, eles puseram em segurança o sepulcro, selando a pedra e montando guarda” (27,62-66). O túmulo vazio era um argumento usado pelos cristãos para garantir a veracidade do anúncio da ressurreição. Para confirmar e reforçar o anúncio no conflito com os judeus fariseus, Mateus acrescenta o relato da guarda no túmulo para acentuar o milagre da ressurreição, ou seja, a demonstração do poder de Deus na vida de Jesus. E Mateus ainda denuncia a reunião dos dirigentes judaicos com Pilatos que acusam Jesus de “impostor” ou “enganador”. Na verdade, eles são “impostores”.
- 7) A astúcia dos chefes judaicos: “Enquanto elas iam, eis que alguns da guarda foram à cidade e anunciaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que acontecera. Estes, depois de se reunirem com os anciãos e deliberarem com eles, deram aos soldados uma vultosa quantia de dinheiro, recomendando: ‘Dizei que os seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíeis, e o roubaram. Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e vos deixaremos sem complicação’. Eles pegaram o dinheiro e agiram de acordo com as instruções recebidas. E espalhou-se essa história entre os judeus até o dia de

hoje” (28,11-15). No tempo das comunidades de Mateus, circulava uma história, provavelmente formulada pelos judeus fariseus, segundo a qual os cristãos haviam roubado o corpo de Jesus para provar a sua ressurreição. As comunidades dão a resposta, dizendo que seus adversários subornaram os guardas com uma grande soma de dinheiro para que eles fizessem tal difamação. Se os guardas estavam dormindo, como sabiam que os discípulos roubaram o corpo de Jesus? A difamação é absurda! Aumentam as discussões e os conflitos de dois grupos: os judeus fariseus e os judeus cristãos.

- 8) Missão dos discípulos: “Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostraram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-se deles, falou: ‘Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos’” (28,16-20). As comunidades de Mateus apresentam Jesus como o Senhor glorioso diante o qual os discípulos se ajoelham numa atitude de adoração. Ele é o verdadeiro Messias, Filho de Deus. Com o poder divino, Jesus ressuscitado declara uma ordem: a missão dos discípulos no mundo, não mais limitada aos judeus. Todas as nações, ou seja, “todos os grupos de pessoas”, são chamados a participar da vida comunitária (batismo) segundo o ensinamento de Jesus. Os batizados experimentam a presença do Jesus ressuscitado, não pela simples adoração de Filho de Deus ou pela observância fundamentalista das leis, mas, sim, pelo empenho

concreto de praticar as palavras de Jesus de Nazaré: felizes os que têm fome e sede de justiça; felizes os misericordiosos; felizes os puros de coração; felizes os que promovem a paz etc.

Todos esses textos exclusivos de Mateus têm como pano de fundo o conflito com os judeus fariseus, apoiados pelo Império Romano, as perseguições e os conflitos internos das comunidades. Assim, os textos são uma forte acusação contra a autoridade judaica por não ter acreditado no messianismo de Jesus e o ter entregado injustamente ao império para que o matasse. Segundo Mateus, o paradoxo do seu messianismo do servo contra todas as expectativas de triunfo estava dentro dos desígnios de Deus, anunciados pelos profetas.

Os evangelhos não têm a pretensão de descrever como foi a paixão e a ressurreição de Jesus, mas a situação das comunidades perante a esses fatos dentro de suas realidades. O evangelho de Mateus é a reflexão, interpretação e visão das comunidades dos judeus cristãos naquele momento histórico: a perseguição dos judeus fariseus, o conflito interno por causa da convivência com os “gentios cristãos” etc. Interpretá-lo de maneira fundamentalista, fora do contexto, é colocar, por exemplo, toda a responsabilidade da condenação de Jesus no povo judeu, sua tradição, cultura e crença. Todo preconceito e exclusão são uma contradição com as palavras e práticas de Jesus de Nazaré no próprio evangelho de Mateus.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *Que nossos olhos se abram: Uma leitura de Mateus em perspectiva do Tesouro*. Brasília: CRB, 2011.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DA SILVA, A.J. “Paideia grega e apocalíptica judaica”. In: *Estudos Bíblicos, Petrópolis*, n.113, p.11-22, 2012.
- DE PAULA PEDRO, Enilda; NAKANOSE, Shigeyuki (CNBB). *Ele está no meio de nós: O Semeador do Reino*. São Paulo: Paulus, 1998.
- HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13. Word Biblical Commentary 33a*. Dallas, Texas: Word Books Publishers, 1993.
- _____. *Matthew 14-28. Word Biblical Commentary 33b*. Dallas, Texas: Word Books Publishers, 1995.
- KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.
- OGAWA, Akira. *O evangelho de Mateus*. Tokyo; Christian Church Publisher, 1996.
- OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo*. São Paulo: Loyola, 1997.
- PAGOLA, José Antonio. *Pai-nosso: orar com o Espírito de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SEGUNDO, Juan Luís. *O caso Mateus: os primórdios de uma ética judaico-cristã*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SIN, David C. *The Gospel of Matthew and Christian Judaism: the History and Social Setting of the Matthean Community*. Edinburgh: T&T Clark, 1998.
- VAAGE, Leif. “O cristianismo Galileu e o evangelho radical de Q”. *Ribla, Petrópolis*, n. 22, p.84-108, 1995.

ÍNDICE

- 5 Agradecimentos
- 7 Apresentação
- 9 Introdução ao evangelho de Mateus
- 11 Deus conosco: o Messias da justiça e da misericórdia
- 12 Conhecendo o evangelho de Mateus: data e local
- 14 Quem escreveu e para quem?
- 15 Conhecendo o chão das comunidades de Mateus
- 18 Principais textos exclusivos de Mateus
- 19 As comunidades de Mateus e suas propostas
- 20 Conhecendo a estrutura do evangelho
- 22 Organização deste livro
- 24 Lembretes para as reuniões

- 25 **Primeiro encontro: Jesus é o Messias das pessoas excluídas!**
- 30 Orientação para o primeiro encontro
- 30 *Situando o texto: O messianismo*
- 35 *Comentando o texto: Mt 1,1-17 – Origem de Jesus Cristo*
- 38 *Aprofundando: O nascimento e a infância de Jesus*

- 45 **Segundo encontro: Viver a justiça e a misericórdia!**
- 50 *Orientação para o segundo encontro*
- 50 *Situando o texto: Quem são as pessoas felizes?*
- 54 *Comentando o texto: Mt 5,1-12 – Reino de Deus: reino da justiça e da paz!*
- 59 *Aprofundando: As instruções sapienciais na Fonte Q.*

- 65 **Terceiro encontro: A prática do amor nos aproxima de Deus.**
- 70 Orientação para o terceiro encontro
- 70 *Situando o texto: Obras de piedade*
- 73 *Comentando o texto: Mt 6,1-6.16-18 – esmola, oração e jejum*
- 75 *Aprofundando: Uma reflexão sobre o pai-nosso*

- 81 **Quarto encontro: Cristo está presente na comunidade reunida!**

- 87 Orientação para o quarto encontro
- 87 *Situando o texto: As comunidades de Mateus e os conflitos internos e externos*
- 92 *Comentando o texto: Mt 18,15-22 – A correção fraterna e o perdão*
- 95 *Aprofundando: Diferentes modelos de comunidades cristãs*
- 103 ***Quinto encontro: Jesus está presente nas pessoas marginalizadas.***
- 109 Orientação para o quinto encontro
- 109 *Situando o texto: O juízo final*
- 113 *Comentando o texto: Mt 25, 31-46 – “Vinde, benditos de meu Pai”.*
- 116 *Aprofundando: Os textos exclusivos de Mateus na narrativa da paixão e da ressurreição de Jesus*
- 124 Bibliografia consultada

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte e cinco anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento
Mestrado
Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
Hebraico e Grego (semanal)
Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5181.7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br